

DANIELA MARIA SILVA DE OLIVEIRA

REVENDO PRIORIDADES -
O ATENDIMENTO AOS ABRIGADOS DAS CASAS-LARES
NOSSA SENHORA DO CARMO
&
SÃO JOÃO DA CRUZ

Florianópolis

2002

DANIELA MARIA SILVA DE OLIVEIRA

**REVENDO PRIORIDADES -
O ATENDIMENTO AOS ABRIGADOS DAS CASAS-LARES
NOSSA SENHORA DO CARMO
&
SÃO JOÃO DA CRUZ**

DEPTO. SERVIÇO SOCIAL
DEFENDIDO E APROVADO
EM: 28/02/03

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Departamento de
Serviço Social da Universidade Federal
de Santa Catarina, para obtenção do
grau de Bacharel em Serviço Social,
orientado pela Professora Jucília
Vieira de Castro no 2º semestre de
2002.


Prof.ª Krystyna Matys Costa
Chefe do Depto. de Serviço Social
CSE/UFSC

Florianópolis

2002

DANIELA MARIA SILVA DE OLIVEIRA

**REVENDO PRIORIDADES: O ATENDIMENTO AOS ABRIGADOS
DAS CASAS-LARES NOSSA CASAS-LARES
NOSSA SENHORA DO CARMO & SÃO JOÃO DA CRUZ**

Trabalho avaliado, para obtenção do Título de Assistente Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Aprovado pela banca examinadora integrada pelos seguintes membros:

Orientadora:

Professora Jucília Vieira de Castro
Departamento de Serviço Social

1ª examinadora:

Assistente Social Márcia Gomes da Silva de Oliveira
Casas-Lares / Coqueiros

2ª examinadora:

Assistente Social Braulia Delma dos Santos

DEDICATÓRIA

*Cada Ser Humano é uma caixa de surpresa,
é um cofre onde se armazenam tesouros a serem descobertos.
A criança, que ainda está iniciando sua coleção de riquezas,
merece que seus responsáveis contribuam para que estas,
sejam as mais preciosas possíveis.
Os adolescentes, estão compreendendo este depósito
de saberes e descobrindo novos horizontes,
precisam de alguém que os ouça e mostre que
tudo pode permanecer igual, ele pode, quando precisar,
pedir um "colo" ou mesmo solicitar
um momento de independência.
Caberá aos adultos ao seu redor orientá-lo
quanto ao momento de cada coisa.
Somos assim diariamente,
um pouco criança, um pouco adolescentes,
ora queremos alguém que nos console,
ora não queremos opinião de ninguém.
Mas na maioria do tempo, somos muito adultos...
Por isso, precisamos conviver mais com os primeiros,
descobrindo nossos próprios tesouros e
permitindo que os outros os conheçam e
compartilhem conosco o prazer de descobrir
riquezas escondidas, somar conhecimentos,
ensinar aprendendo...
...aprender se divertindo.*

Este trabalho é de todas as pessoas que o construíram comigo, durante esta jornada de 4 anos de Universidade, descobrindo comigo alguns tesouros escondidos, como a perseverança e o saber.

Dedico-o de modo especial aos meninos e meninas das Casas-Lares/Coqueiros, que para mim, serão sempre crianças repletas de ensinamentos a transmitir e de sonhos a realizar. E às monitoras que dia-a-dia realizam uma função difícil e valiosa, educar filhos que não são seus, mas que no cotidiano precisam destes cuidados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus o dom da vida, o dom de “estar sempre aí, para o que der e vier”, de me doar às pessoas sem medo de ser feliz e de estar aberta a cada aprendizado que se coloca à minha frente. Só Ele pode nos contemplar com tantas graças e nos permitir servir ao próximo seja de modo humano ou profissional.

De modo especial agradeço também aos meus pais, que desde a minha concepção me amaram muito, deram minha educação, contribuíram com a formação do meu caráter e da minha personalidade de modo tão significativo que hoje posso me considerar uma pessoa e uma profissional ética. Obrigada por tudo! Pelo incentivo, pelos puxões de orelha, pelas cobranças: “Seu trabalho, já está pronto?” – Essa minha mãe! Só ela mesmo. Amo vocês!!!

Aos meus irmãos: Nucia – a Doutora em história da casa e a que nos faz rir, que muitas vezes serviu de co-orientadora, lendo e corrigindo este trabalho e “pegando no meu pé”, Márcio o engenheiro da mamãe e do papai, Lilian – a CDF dos vestibulares e concursos, e José o xodó de todos nós que também segue um “bom caminho”. Obrigada pelo companheirismo de vocês, pelas discussões, elogios, festas e risos, vocês são os melhores **irmãos** que alguém poderia ter. Os amo muito!!!

À Lucy, minha cunhada, que com seu jeito tímido, sincero e simples conquistou a todos nós e se faz mais um membro desta família alegre e unida.

Ao meu querido Ju, que vem me ensinando a ser mais paciente e me permite ser quem sou. Obrigada por sua companhia, compreensão, apoio, por seu amor, companheirismo e respeito.

Dona Sílvia, obrigada pelas leituras e correções neste trabalho e especialmente por sua dedicação, incentivo e carinho. E ao S.João, que com seu jeito espontâneo e irreverente nos dá muitas lições de vida. Que sogros tenho eu!

À Braulia, que sempre me incentivou, elogiando meus trabalhos e dizendo que conseguiria concluir esta pesquisa em um tempo menor. Obrigada por isso e principalmente pelos momentos de carinho, apoio e descontração.

Aos meus familiares, que de longe acompanham nosso progresso e incentivam nossa caminhada em busca de um mundo melhor.

Meu muito obrigada também aos meus amigos pela contribuição que tiveram na história da minha vida, por seus ensinamentos, pelo carinho e força, pelas alegrias...

Professora Jucília, obrigada por suas aulas, tão descontraídas e repletas de saberes do cotidiano e do fazer profissional. Todos os alunos do curso deveriam ter ao menos uma aula contigo para sentir como podemos ser profissionais apaixonados e comprometidos. Muito obrigada pela acolhida e por sua orientação.

Às Assistentes Sociais Márcia e Teca, que todo semestre “abrem as portas” das Casas-Lares/Coqueiros, para que possamos aplicar um pouco de nossos conhecimentos antes de entrarmos ao mercado de trabalho e completam este aprendizado com sua experiência e atenção. E de modo inesgotável realizam seu trabalho com empenho e responsabilidade. Vocês são muito especiais!!!

Às monitoras e meninos e meninas da Instituição, pelos momentos de conversas, de troca de experiências. Salma aprendi muito com você, sua forma de educar e delegar responsabilidades contribui muito com a promessa de um futuro promissor destas meninas.

Meu muito obrigada aos professores e profissionais do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Somos privilegiados por conseguir estar em uma Universidade Federal e principalmente por concluí-la, cada um de vocês faz parte deste processo.

Também aos colegas de sala e curso pela troca de idéia, conhecimento, pelas risadas e discussões que também nos fazem crescer.

As crianças aprendem aquilo que vivem

*Se uma criança vive criticada,
aprende a condenar;
Se uma criança vive com hostilidade,
aprende a brigar;
Se uma criança vive envergonhada,
aprende a sentir-se culpada;
Se uma criança vive com tolerância,
aprende a ser tolerante;
Se uma criança vive com estímulo,
aprende a confiar;
Se uma criança vive apreciada,
aprende a apreciar;
Se uma criança vive com equidade,
aprende a ser justa;
Se uma criança vive com segurança,
aprende a ter fé;
Se uma criança vive com aceitação,
aprende a respeitar-se;
Se uma criança vive com aceitação e amizade,
aprende a encontrar o amor no mundo.
Filiu.*

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	7
I CAPÍTULO	
1 A INSTITUIÇÃO	13
1.1 Organograma	18
1.2 Breve Histórico da Instituição	19
1.3 Situação atual da Instituição e seu Funcionamento	21
1.4 Políticas de Atendimento Hoje	23
II CAPÍTULO	
2 O SERVIÇO SOCIAL	28
2.1 Campo de Trabalho e Desafios do Assistente Social	31
2.2 Caracterização dos Abrigados	33
2.3 Serviço Social das Casas-Lares/Coqueiros	36
III CAPÍTULO	
3 AÇÕES PEDAGÓGICAS E DE CAPACITAÇÃO	42
3.1 Monitores	45
3.2 Parada Pedagógica	51
3.3 Outras Atividades Pedagógicas	58
METODOLOGIA	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXOS	74

RESUMO

O trabalho aqui apresentado contempla uma parte da experiência do Estágio curricular obrigatório, vivenciado nas Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, durante os meses de fevereiro à setembro de 2002. Esta atividade é um requisito do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina e tem por objetivo fazer com que o acadêmico conheça a realidade de um de seus futuros objetos de trabalho. Neste caso a de crianças e adolescentes que vivem em situação de abrigo por estarem, anteriormente vivenciado situações de abandono, violência física ou sexual, negligência, entre outros.

Na primeira etapa deste trabalho falaremos da Instituição: seu histórico, funcionamento, políticas de atendimento.

Na segunda apresentamos o Serviço Social, suas características, seus desafios, seus usuários e sua atuação nas Casas-Lares.

Na terceira parte tratamos sobre as Atividades pedagógicas, atividades de estágio, abordamos suas características, o público alvo e falamos sobre as ações aplicadas na Instituição.

INTRODUÇÃO

No período de fevereiro a setembro de 2002, foi desenvolvido Estágio Curricular Obrigatório de Serviço Social nas Casas-Lares São João da Cruz e Nossa Senhora do Carmo/Coqueiros, sob Supervisão da Assistente Social Márcia Gomes da Silva de Oliveira, que direcionou as atividades de estágio, planejando em conjunto com as alunas as ações interventivas e de observação a serem realizadas e direcionando nossos “olhares” ao que era mais importante. O que se fez muito significativo, pois constantemente revíamos as atividades e os melhoramentos a serem executados.

A intervenção realizada neste Campo de Estágio teve por objetivo a elaboração e o desenvolvimento de um projeto de gestão, que possibilitasse o conhecimento e aplicação de atividades voltadas aos funcionários das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz. Tendo como meta de trabalho o alcance da melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes em situação de abrigo e dos profissionais que prestam serviço à Instituição, através da capacitação destes.

Esta proposta de ação foi pensada e concretizada ao percebermos que o funcionamento das Casas-Lares/Coqueiros ficaria comprometido se não fosse articulada uma capacitação

conjunta com os funcionários que a elas prestam serviços. Ou seja, como as pessoas contratadas, nem sempre possuem formação específica à realização de um atendimento a crianças e adolescentes em caráter de abrigo, seria de fundamental importância que colocássemos em prática um plano de ação que suprisse essa carência.

Justifica-se também a aplicação deste tipo de ação com o que coloca Reis no Projeto Casa-Lar (p.16) sobre os dirigentes e educadores:

Para atuação na área da infância da juventude em situação de risco pessoal e social, há necessidade do estabelecimento de uma política de recursos humanos, direcionada para critérios de competência profissional e de formação específica.
Para as pessoas que cuidarão das crianças e adolescentes num abrigo/Casa-Lar pressupõe-se processos de capacitação, reciclagem, supervisão,... para um efetivo atendimento à clientela.

Capacitação entendida, por nós, como o processo através do qual os profissionais ligados diretamente com as Casas-Lares/Coqueiros receberão informações para melhoria de seu trabalho, para melhor qualificar o atendimento a ser prestado.

A apresentação deste trabalho é, portanto, uma forma de apresentar e/ou reforçar a importância do constante aprimoramento que uma equipe de trabalho deve ter, em especial aquelas que lidam com sujeitos em formação. O Serviço Social envolvesse neste processo como coordenador da Instituição que busca elaborar atividades que contemplem as expectativas do cotidiano da mesma.

Também devido a necessidade de um trabalho integrativo com os monitores das Casas-Lares/Coqueiros e de uma maior harmonia entre as atividades desenvolvidas, percebemos o quanto é fundamental uma comunicação eficaz e um comprometimento por parte de cada

envolvido. Através dos quais, poderá ser estabelecida uma relação de troca de experiências e feedbacks¹ que trarão contribuição significativa ao amadurecimento individual e da equipe.

Para isso o ponto de partida seria reunir o grupo mostrando a importância de haver uma individualidade e autonomia em cada plantão², mas muito mais que isso, demonstrar e comprovar a importância de conversas e estudos que favorecessem seu trabalho, o de seu colega e principalmente, que contribuísse de forma sensível e significativa ao desenvolvimento e evolução das crianças e adolescentes das Casas.

Foi através desta necessidade que começaram a ser realizadas reuniões de estudo, denominadas: “Paradas Pedagógicas”, visando aplicar estas idéias e desenvolver de fato a capacitação dos profissionais das Casas-Lares/Coqueiros num trabalho em equipe, fazendo com que monitores, assistentes sociais e estagiárias, sintam-se realmente como um time que precisa se munir de conhecimento e harmonia para atingir um objetivo comum: um ambiente saudável e equilibrado.

De acordo com Mônaco(2001, p.57):

O trabalho em equipe é a união de esforços em torno de objetivos comuns, tentando evitar a adoção de respostas automáticas para os problemas cotidianos. Muito mais que isso, é fundamental saber ouvir as opiniões diferentes, aceitar a diversidade e a participação das pessoas na busca de soluções [...] para os problemas organizacionais, bem como para a qualidade de vida das pessoas.

¹ Técnica de gestão de pessoas através da qual pode-se orientar um funcionário quanto a execução desejada de uma atividade ou saber o que ele acha do trabalho que realiza Também pode ser usada entre os funcionários e na vida pessoal.

² O plantão determina função e horário de trabalho de cada monitora, fazendo com que haja sempre algum adulto na casa, com suas tarefas principais determinadas no Regimento da Instituição

Silva (1994) contribui conosco ao dizer que as reuniões alcançarão resultados melhores a partir do momento em que cada pessoa presente se conscientizar da maneira como o seu comportamento afeta seus companheiros, o andamento dos trabalhos e ainda criará um comprometimento em relação aos resultados a serem alcançados.

Aceitando-se, portanto o fato de que como adultos, cidadãos e profissionais a nossa tarefa representa grande influência sobre o desenvolvimento dos educandos e nossas atividades conseqüentemente significam alterações e contribuições à vida dessas crianças/adolescentes abrigados, podemos e devemos nos envolver de forma consciente, eficaz e ativa na execução e participação dessas atividades de capacitação.

Sendo assim, este trabalho constitui-se como uma proposta, uma possibilidade através da qual refletiremos os pontos até aqui expostos, de forma a levantar questões que ainda precisam ser vistas e melhor estudadas. Pretendemos, portanto em seus três capítulos elencar possibilidades para esta reflexão, trazemos para isso conceitos e características sobre as funções de cada envolvido e atividade proposta, além de falas dos profissionais e abrigados, na tentativa de ilustrar o processo até então aplicado e suas expectativas ao que ainda pode ser realizado.

No primeiro capítulo, intitulado Instituição, conheceremos um pouco de seu histórico, suas características e políticas de atendimento, seu corpo funcional. Poderemos também compreender como é um abrigo para crianças e adolescentes que estiveram expostos à situação de risco social e/ou pessoal e quais as leis que os protegem e regem uma Casa-Lar.

No capítulo seguinte, nomeado Serviço Social, abordaremos como ele se configura como profissão, qual o seu campo de atuação, seus desafios, quais suas atividades dentro das Casas-Lares/Coqueiros e qual o seu objeto de trabalho na mesma.

O terceiro capítulo, denominado: Ações pedagógicas e de capacitação, aborda, finalmente as atividades pedagógicas, que foram nosso principal foco de trabalho no período de estágio. Trataremos sobre como estas atividades devem ser executadas e porquê são fundamentais dentro de uma instituição de abrigo, conheceremos os monitores, profissionais responsáveis pelo cuidado diário das casas e das crianças/adolescentes e receptores das ações de qualificação.

Vale lembrar que trataremos por Instituição ambas as Casas, sendo que elas estão divididas em: Casa Lar Nossa Senhora do Carmo, que abriga meninas e a Casa Lar São João da Cruz que acolhe meninos, tendo algumas tarefas pré-definidas como, por exemplo, o recebimento e divisão do alimento (*responsabilidade da Casa dos meninos*) ou de roupas (*atividade da Casa das meninas*). Ambas estão situadas em Coqueiros e são dirigidas pelos mesmos profissionais.

I CAPÍTULO

1 A INSTITUIÇÃO

*"As águas não eram estas,
há um ano, há um mês, há um dia.
Nem as crianças, nem as flores,
Nem o rosto dos amores...
Onde estão águas e festas anteriores?
E a imagem da praça, agora,
Que será daqui a um ano,
A um mês, a um dia, a uma hora?"*

(Fragmento do poema de Cecília Meireles "Domingo na Praça", que se encontra no livro *Mar Absoluto* (1958, p. 319)).

Este fragmento de poema, trazido à nossa turma pela orientadora deste trabalho, cabe muito bem ao início deste trabalho uma vez que falaremos sobre as mudanças geradas por nossas ações diárias, em especial como profissionais de uma Instituição de abrigo. Hoje, este tipo de entidade busca contribuir com a melhor formação possível aos seus abrigados, buscando ouvir seus desejos e opiniões, mas nem sempre foi assim...

Desde a Cristianização o cuidado à criança vem sendo empregado e, a partir deste momento, de uma forma ou de outra, sua educação sempre mereceu atenção. O que vemos hoje são mudanças no que concerne o entendimento do que são os direitos e deveres de uma criança e

quais as funções de uma Instituição que a abriga. Quais as melhores formas de contribuir com a formação de seus abrigados? Esta é a pergunta que mais preocupa seus coordenadores.

É válido lembrar que o cuidado às crianças órfãs e abandonadas no Brasil do final do século XVIII era exercido pelas irmandades religiosas e Santas Casas de Misericórdia, sendo que as crianças vinham a estas instituições sem a revelação de quem realizava o abandono, através da tão conhecida Roda dos Expostos³.

Guirado (1986, p.19) aponta que durante e após a Segunda Guerra Mundial, na Europa, a prática de cuidados às crianças teve grande impulso, devido as circunstâncias das famílias das quais a estrutura fora golpeada pela guerra e ao trabalho das mulheres fora de casa.

Dentre as práticas sociais de cuidado com a infância, a internação, tem sido, historicamente, uma “saída” controvertida. De um lado, há quase que um consenso sobre sua inevitabilidade, quando se trata do atendimento àquelas faixas da população que não dispõem dos recursos necessários para a criação dos filhos no âmbito da família. De outro, há também consenso sobre os prejuízos que daí advém para a criança, sobretudo em termos de afetividade.[...]

Cabe ainda citar Cataneo (CBIA, 1993, apud Cataneo p.11), que além do resgate histórico do atendimento a criança e adolescentes em situação de risco, apresenta uma realidade interessante sobre o entendimento do Código de menores – 1927, sobre o benefício que os internatos proporcionavam à medida em que os adolescentes retornavam ao “convívio social ‘reparados’”, assim, a matriz do trabalho era baseado numa dupla perspectiva, proteger os internos de um mundo hostil e, principalmente, proteger a sociedade da convivência com estes ‘menores’.

³ Instituição fundada na França e em Portugal, trazida ao Brasil no séc. XVII, com objetivo de salvar a vida dos recém nascidos rejeitados por suas mães: mulheres sem condições de sustentá-los, de elite que não podiam assumi-los por serem ilegítimos ou fruto de adultério e senhores que alugavam suas mães escravas como amas de leite.

É importante colocar estas concepções, visto que o que buscamos é justamente o oposto: buscar proporcionar à criança e ao adolescente em situação de abrigo, uma vida que seja o mais normal possível, sem esconder dele sua real situação e permitindo que ele interaja com o mundo à sua volta sem que esta “diferença” atrapalhe suas relações. Oferecendo a ele afeto, educação, alimentação, escola e outras atividades, pois mesmo em situação de abrigo ele é um sujeito em formação que necessita de tais condições.

Gerardi (2000, p.32) apresenta sobre a mudança desta idéia:

[...] cada vez mais a preocupação em relação a educação das crianças ia aumentando e inversamente a FUNABEM ia perdendo o seu espaço, pois era um fracasso na medida em que não servia para reeducar as crianças atendidas. Assim, surgiu a necessidade de rever o papel do Estado e consequentemente na década de 80 tal fator obteve maior ênfase, pois os atendimentos oferecidos às crianças e adolescentes eram cada vez mais questionados”.

Para reforçar e completar a idéia de que o atendimento a sujeitos em formação e advindos de situações de risco pessoal e/ou familiar merecem atenção específica, vejamos o que aborda Reis (Projeto Casa-lar, p.15), traz fundamentação, objetivos, fiscalização do abrigo e de seus integrantes, sobre o meio ambiente afirma: *“A Casa-Lar deve assemelhar-se ao máximo à uma residência familiar e precisa auxiliar a criança/adolescente a atingir a maturidade e independência”*.

Para tanto, contar com uma equipe bem preparada e com qualificações específicas à área da criança e do adolescente é primordial. Bem sabemos que é difícil encontrar profissionais com tal formação para compor o quadro funcional de uma Instituição de abrigo, no entanto, esta seria uma situação ideal.

Não podendo, deste modo, contar com tal mão de obra, as Casas-Lares/Coqueiros buscam contratar pessoas que sejam indicadas por alguém que já conheça a realidade da casa, de modo a ingressar com certo conhecimento do que precisará fazer e que realidade encontrará. Portanto, justifica-se ainda mais um trabalho específico para a melhor capacitação destes profissionais, já que há uma preocupação por parte da Instituição quanto a este ponto, ou seja, o tipo de escolha que precisa ser feito e a ação direta na melhor contribuição a ser dada aos profissionais que já atuam e aqueles que vêm compor o quadro funcional.

As Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e da Casa Lar São João da Cruz são Instituições, que, amparadas pelo Estatuto da Criança e do adolescente (ECA, Lei Federal 8.069 de 13-07-90), nos Artigos 90 e 92, configuram-se como um programa de regime de abrigo, uma alternativa de atendimento a crianças e adolescentes, que busca a preservação dos vínculos familiares, integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem, atendimento personalizado e em pequenos grupos, participação na vida da comunidade local, preparação gradativa para o desligamento.

Como uma entidade sem fins lucrativos, a Instituição conta com doações da comunidade, da Paróquia Nossa Senhora do Carmo e convênios mantidos com a Secretaria da Família do Estado e do Desenvolvimento Social de Santa Catarina e Prefeitura Municipal de Florianópolis – Secretaria do Trabalho e Habitação, convênios estes que estabelecidos com o Estado se tornam necessários e importantes ao funcionamento de uma Organização não governamental e filantrópica.

De acordo com Menegasso (apud Buhr, 2002) este tipo de organização é considerado do terceiro setor e vem se destacando como uma nova estratégia para a prestação de serviços, promoção do desenvolvimento econômico, defesa dos direitos civis e sociais. Juridicamente, as organizações do Terceiro Setor são denominadas: entidades sem fins lucrativos, uma vez que organização não-governamental não existe para fins jurídicos.

As Casas-Lares/Coqueiros, termo que usaremos neste trabalho ao falar da Casa Lar Nossa Senhora do Carmo e da Casa Lar São João da Cruz, têm uma proposta de trabalho onde cada integrante do grupo pode opinar e intervir nos processos diários e decisórios das Casas, tendo direito a propor, questionar, criticar e contribuir na construção de sua realidade, busca-se com isso a manutenção de relações horizontalizadas.

O organograma apresentado a seguir ajuda-nos a visualizar a estrutura da instituição, estabelecendo a “localização” dos membros que integram o quadro funcional que atende as Casas-Lares/Coqueiros. Vale ressaltar que esta é uma contribuição nossa, uma vez que em muito representa uma relação hierárquica e vertical que contradiz o trabalho horizontal acima apresentado, e é colocada aqui para demonstrar como se articulam as funções nas Instituições abordadas neste trabalho.

1.1 Organograma



Conforme estabelece o Regimento Interno da Instituição, cada função terá atribuições específicas devendo segui-las de acordo com o determinado:

As Obras Sociais da Comunidade Paroquial de Coqueiros é a entidade mantenedora das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz.

O diretor das Obras Sociais tem função de gestor do funcionamento das Casas, devendo garantir o alcance dos objetivos definidos no seu estatuto.

A direção geral é exercida por uma diretoria que deve ser eleita em assembléia, e terá um mandato de 2 anos de duração.

O coordenador-geral é escolhido, em caráter voluntário, pela diretoria. Selecionado entre pessoas capacitadas a desenvolver ações junto a crianças e adolescentes, entre outras atribuições, que podem ser melhor observadas em anexo.

A função de coordenador técnico deve ser exercida por um assistente social, que entre outras atividades deve: acompanhar e coordenar o trabalho social junto às crianças, adolescentes e suas famílias; elaborar projetos para obtenção de recursos.

Os monitores devem respeitar e assumir compromisso com a proposta, as metas e os objetivos das Casas-Lares, fazer respeitar os direitos e deveres das crianças e adolescentes, tratá-los sem distinção e/ou preconceito, entre outras atribuições.

Os estagiários, não aparecem no regimento, mas são sujeitos que também articulam ações e contribuem com o trabalho da Instituição, especialmente com o Serviço Social. Realizam encaminhamentos, visitas a familiares e psicólogos, relatórios, organizam prontuários, documentações, entre outras atividades.

1.2 Breve Histórico da Instituição

A Casa –Lar Nossa Senhora do Carmo, foi fundada por Roselee Silveira de Sá e Leila M. Pivatto no ano de 1994, com objetivo de abrigar meninas, sendo que foi em abril deste mesmo ano que ocorreu a chegada da primeira menina ao abrigo. A Casa está localizada desde esta data no bairro de Coqueiros, porém em outro endereço.

Já no ano de 1996, foi aberta a Casa-Lar São João da Cruz, com objetivo de abrigar meninos, esta também funcionando em Coqueiros. Esta Instituição foi aberta e fundada por solicitação da então presidente da Associação Florianopolitana de Voluntário - Cleide Grando, que verificou que já haviam crianças do sexo masculino, necessitando de abrigo.

As fundadoras das casas não possuíam formação específica para realizar este trabalho de modo profissional, portanto desenvolviam ações puramente assistencialistas⁴. Foi a partir da entrada da Assistente Social Maria Tereza Floriani - Teca, moradora do bairro Coqueiros, que o atendimento passou a contar com o suporte técnico prestado por esta profissional.

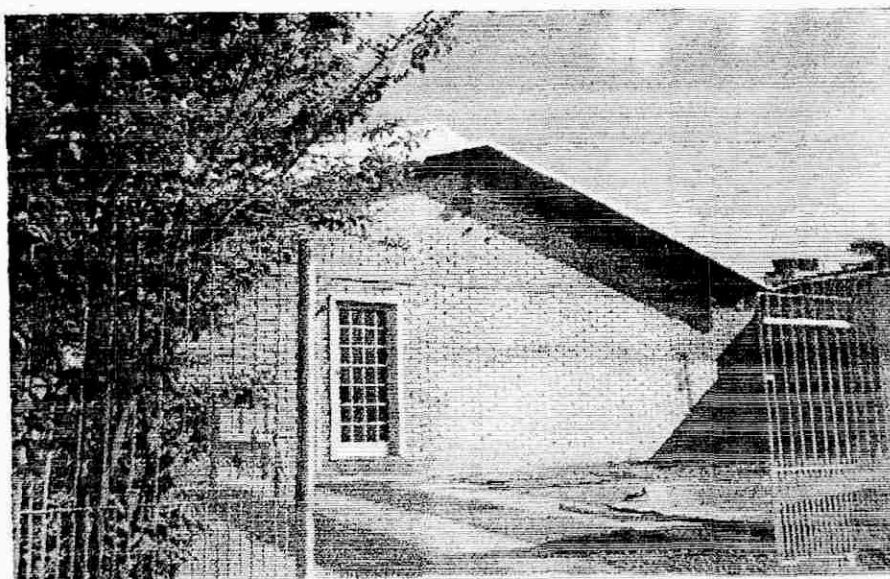
Podemos citar como exemplo de sua contribuição profissional a confecção de relatórios, encaminhamento e solicitação de documentos, encaminhamento e acompanhamento escolar. Vale lembrar que inicialmente Maria Tereza desejava prestar serviço voluntário onde ajudasse a cuidar das meninas e não atuar como profissional, o que ficou difícil diante da demanda apresentada. Também foi a partir desta atuação do Serviço Social que o campo de estágio foi aberto.

⁴ Ações sem cunho profissional, que visam apenas sanar necessidades momentâneas ou que não oferecem condições para que a pessoa atendida possa buscar a solução por si.

1.3 Situação atual da Instituição e seu funcionamento

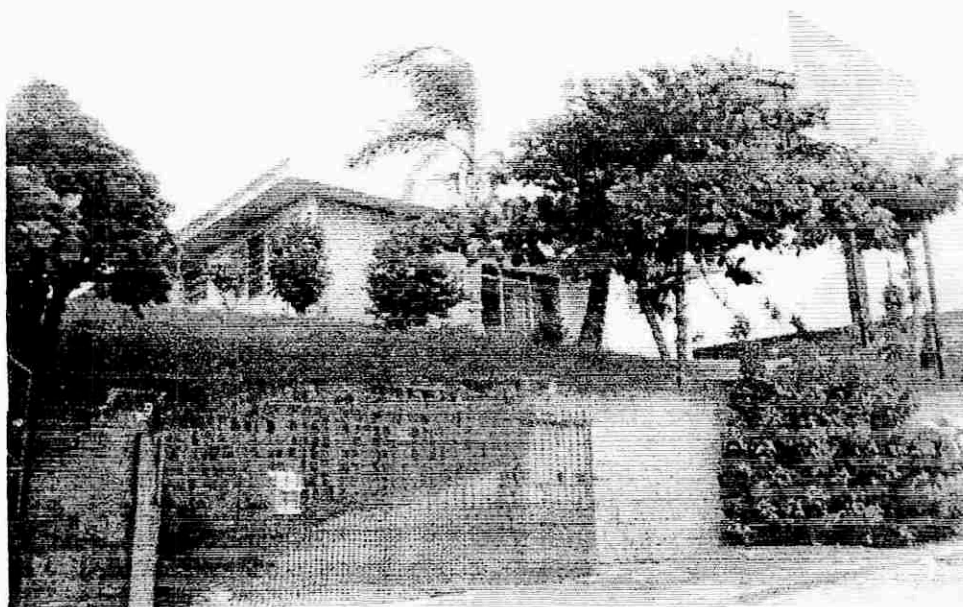
Hoje cada Casa-Lar conta com o trabalho de 4 monitores, que intercalam suas atividades na Instituição em plantões⁵, fazendo com que haja sempre algum adulto na casa, com suas tarefas principais determinadas no Regimento da Instituição (Anexo).

A Casa-Lar São João da Cruz possui um pátio grande que preserva um campo de futebol suíço, no qual os meninos jogam e se divertem com frequência; um quarto para os adolescentes; outro para os pré-adolescentes e um terceiro onde dormem os mais novos e a monitora; tem ainda uma sala de reuniões e uma sala onde fica a televisão; a cozinha, que é ampla e bem equipada; tem ainda dois banheiros, dispensa de alimentos e uma área de serviços. Esta casa, contará com melhorias assim que reunir recursos suficientes. Está localizada na Rua Victor Silva, esquina com Almirante Tamandaré, s/n.



⁵ Determinam a que nível o monitor pertence e que tipo de atividade realizará na casa, suas características poderão ser melhor acompanhadas no item 3.1 Monitores.

A Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo, recentemente pôde ser melhorada, através de contribuições obtidas. Hoje ela está toda com pintura nova e com alguns móveis trocados por mobiliário em melhor estado. A casa tem três quartos, também divididos conforme a faixa etária, adolescentes, pré-adolescentes e as mais novas; um quarto onde são guardadas roupas que não estão em uso diário; uma sala de estudo, uma sala de reuniões, agregada à área de serviços; uma ampla sala de televisão; dois banheiros; a cozinha e uma dispensa. Esta casa também possui um pátio, no entanto não é tão usado quanto o da casa dos meninos. Localizada na Rua Dr. Abel Capela, 585.



Cada uma das Casas tem capacidade para abrigar 12 crianças em cada uma, que devem ser provenientes do próprio município ou microrregião. As crianças e os adolescentes chegam às Casas, encaminhados através de ordem judicial, pelo Juizado da Infância e da Juventude, depois de retirados de sua família por falta de cumprimento de algum de seus direitos, o que implica a

exposição a uma situação de risco social, frente a demandas como: maus tratos, negligência, abuso sexual, abandono.

As Casas-Lares contam com a realização de grupos, nos quais os abrigados podem realizar trabalhos direcionados ou sugeridos por eles. Um dos grupos, que inicialmente era coordenado por uma estagiária de Serviço Social, é o que realiza atividades com as crianças.

Atualmente este trabalho é realizado na Casa Nossa Senhora do Carmo, semanalmente, por estagiárias de psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. O trabalho reúne as crianças (meninos e meninas) e é supervisionado pela assistente social Márcia e pela professora de estágio desta Universidade.

Há também o grupo dos adolescentes, suas reuniões ocorrem quinzenalmente e abordam temas propostos por seus membros. É um trabalho que abrange os abrigados das duas Casas-Lares, sendo coordenada pela agora assistente social Patrícia.

1.4 Políticas de Atendimento Hoje

Os profissionais que atuam direta ou indiretamente com crianças e adolescentes precisam conhecer as leis que os protegem. Não só pela necessidade do aprimoramento mas também por trabalhar com a preservação de sua segurança e bem estar. Faz-se importante,

portanto, aprofundar um pouco mais a explanação sobre as políticas que tratam e/ou abrangem esta população, crianças e adolescentes, cujos pais perderam sua guarda.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, serve como ponto de partida e base para a realização de um trabalho mais embasado e concreto e também para o conhecimento da Instituição e das leis que regem seu trabalho. Uma vez que lida com problemáticas complexas, que muitas vezes envolvem violências físicas e/ou psicológicas e o Estatuto trará uma série de regras e defesas fundamentais à integridade da criança e adolescente, more ele com ou sem os seus pais.

Conforme o artigo 4º do ECA, direitos como saúde, educação, esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária, devem ser assegurados pela família, comunidade, sociedade, poder público. Direitos estes que observados pelas Casas-Lares/Coqueiros, possibilitam melhor integração dos abrigados com o meio em que vivem (casa e comunidade) e melhor formação educativa e pessoal.

Contudo, vale lembrar, que a convivência ou contato com a família e/ou com a comunidade, nem sempre pode se fazer valer, pelo próprio bem físico e/ou psicológico da criança e adolescente. Por outro lado percebemos que o trabalho e cumprimento dos direitos instituídos, como saúde, profissionalização, lazer e educação são sempre efetivados pela Instituição.

É visando oferecer estas medidas de proteção e assegurando sua participação na escola, em cursos profissionalizantes e na vida social e cultural da comunidade, que a Instituição oferece reforço e acompanhamento escolar, aulas em escolinha de futebol, aulas de bordado dentro da

Casa Nossa Senhora do Carmo, curso de inglês, participação em programas educativos e cursos de pintura e culinária na Escola Profissional Feminina.

É válido ainda verificar quais os preceitos para sua ação, uma vez que a Casa-Lar, como já foi visto, tem por objetivo atender estas crianças e adolescentes, expostos à situação de risco pessoal e/ou social. Segundo o ECA:

Art. 92 – As entidades que desenvolvem programas de abrigo deverão adotar os seguintes princípios:

I – preservação dos vínculos familiares;

II – integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem;

III – atendimento personalizado e em pequenos grupos;

IV – desenvolvimento de atividades em regime de co-educação;

V – não-desmembramento de grupos de irmãos;

VI – evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados;

VII – participação na vida da comunidade local;

VIII – preparação gradativa para o desligamento;

IX – participação de pessoas da comunidade no processo educativo.

Parágrafo Único – O dirigente da entidade de abrigo é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito.

É importante lembrar ainda que: “*A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, independentemente da situação jurídica da criança ou adolescente(...)*” (Art.28, ECA). Dentro deste abrigo, todas as crianças e adolescentes, estão sob a guarda da Assistente Social Maria Tereza B. Floriani, uma vez que é ela a coordenadora geral das Casas-Lares/Coqueiros.

Sobre o funcionamento de uma Instituição de abrigo o ECA estabelece, no Parágrafo único do Art.90, que:

Art. 90 - As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção e sócio-educativos destinados à criança e ao adolescente [...]

Parágrafo único - As entidades governamentais e não-governamentais deverão proceder a inscrição de seus programas, especificando os regimes de atendimento, na forma

definida neste artigo, junto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o qual manterá registro das inscrições e de suas alterações, do que se fará comunicação ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária.

Contudo, por se tratar de uma entidade que conta com convênios e passa por avaliações anuais, faz-se necessário articular a melhor alternativa para contribuir com a capacitação dos profissionais que tratam diretamente com estas crianças e adolescentes, não só como requisito de avaliação, mas também visando uma melhoria na qualidade de vida de todos os envolvidos.

Deste modo, além das habituais reuniões mensais, estão sendo colocados em prática, encontros bimestrais denominados “Paradas Pedagógicas”, com objetivo de contribuir com a capacitação de monitores, estagiários e Assistentes Sociais. Seguindo não apenas uma solicitação dos avaliadores dos programas de atendimento a crianças e adolescentes, mas também suprimindo uma necessidade dos profissionais que prestam serviços às Casas.

Esta atividade visa também proporcionar melhorias no atendimento prestado às crianças e adolescentes em situação de abrigo, no sentido de preservar um ambiente saudável e favorável para uma formação adequada a um sujeito consciente de seus direitos e deveres, bem como ao seu valor de indivíduo e cidadão.

Guirado (1986, p.19) nos mostra a importância de um ambiente saudável e equilibrado para a formação de uma criança, bem como a da afetividade, explicitando que a criança será o reflexo da realidade na qual está inserida:

A carência afetiva é sempre apontada, quer pelas pesquisas de estatuto científico, quer pelos que fazem o cotidiano das instituições, como uma decorrência imediata [...] A localização do problema está, portanto, na criança (apesar de..., apontar-se para os efeitos do ambiente institucional) e ele se expressa em seu comportamento.

É sobre a construção deste ambiente que trataremos no terceiro capítulo, visando melhor compreender a função e importância do monitor para as crianças e adolescentes abrigados nas Casas-Lares/Coqueiros. Bem como o que é necessário para que possamos contribuir para capacitar estes profissionais e aperfeiçoar o nosso trabalho.

Surgiu como profissão para amenizar os conflitos das contradições criadas pelo Capitalismo no final do século XIX e início do século XX, o Assistente Social procurou substituir a caridade tradicional, reprodutora da pobreza, por ações educativas junto à família trabalhadora, na linha de prevenção dos problemas sociais.

O Serviço Social no Brasil apresenta-se na linha da influência francesa no campo “médico-social”. Em 1942 surge junto à Previdência Social, com a organização da divisão do Serviço Social, no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (I.A.P.C.), seu primeiro chefe foi o assistente social Luiz Carlos Mancini.

Constitui-se como uma profissão liberal de nível superior, regulamentada pela Lei n.º 8.662, de junho de 1993. O profissional só estará habilitado após ser registrado no Conselho Regional de Serviço Social (CRESS), responsável por credenciar o profissional a assumir as competências e atuações privativas do Assistente Social. Vejamos o que diz a Lei no Artigo 4º:

Consistem competências do Assistente Social:

- I - Elaborar, implementar, executar e avaliar políticas sociais junto a órgãos da administração pública, direta ou indireta, empresas e organizações populares;
- II - Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos que sejam de âmbito de atuação do Serviço Social com participação da sociedade civil;
- III - Encaminhar providências e prestar orientação social a indivíduos, grupos e à população;
- IV - (VETADO);
- V - orientar indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no sentido de identificar recursos e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos;
- VI - planejar, organizar e administrar benefícios e Serviços Sociais;
- VII - planejar, executar e avaliar pesquisas que possam contribuir para a análise da realidade social e para subsidiar ações profissionais;
- VIII - prestar assessoria e consultoria a órgãos da administração pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades, com relação às matérias relacionadas no inciso II deste artigo;
- IX - prestar assessoria e apoio aos movimentos sociais em matéria relacionada às políticas sociais, no exercício e na defesa dos direitos civis, políticos e sociais da coletividade;
- X - planejamento, organização e administração de Serviços Sociais e de Unidade de Serviço Social;

XI - realizar estudos sócio-econômicos com os usuários para fins de benefícios e serviços sociais junto a órgãos da administração pública direta e indireta, empresas privadas e outras entidades.

Para a execução dessas atividades, o assistente social utiliza métodos, ferramentas distintas, visando o bem estar de seu cliente e auxiliando-o a encontrar em si mesmo as respostas mais adequadas às suas condições, conforme a realidade ao qual está inserido, muito embora nem sempre pode ele encontrar soluções. Conforme apresenta Vedana (2002, p.28) o profissional do Serviço Social busca: “[...]proporcionar ao seu usuário condições de realizar uma leitura dessa realidade, estimulando o senso crítico, a criatividade e a integração[...]”

Para completar tais pensamentos faz-se interessante refletir sobre o que afirma Bartlett (1976, p.15):

Os assistentes sociais compreenderam seu papel de chamar atenção para o problema, despertando a consciência pública, dirigindo-se às pessoas envolvidas e estimulando sua participação, oferecendo provas da natureza de suas necessidades e lutando por medidas preventivas e corretivas.

O fazer profissional é, portanto, integrado por ferramentas que denominamos Instrumentos de trabalho, dentre elas podemos citar: pesquisa, relatório, estudo social, parecer social, visita domiciliar, entrevista, reunião. Estes recursos constituem o Processo de Trabalho, e permitem ao Assistente Social desenvolver ações que contribuirão no desenvolvimento e êxito de suas ações e se tornem promotoras de mudanças e soluções.

Guerra (1995, p.22) afirma que: “[...] para dar materialidade às suas ações o assistente social utiliza-se de um arsenal de conhecimentos, informações, técnicas, habilidades [...] manifestados no “fazer” dos profissionais [...] redefinidos ao longo do processo histórico da profissão [...]”.

Redefinições estas que fizeram com que o Serviço Social não mais atuasse de forma restrita. Ou seja, somente nos estudos de caso, grupo e comunidade, buscando repensar a conjuntura daquele momento na promoção de ações mais inovadoras. Netto (apud Guerra, 1995) afirma que: *“Desde aproximadamente os anos 70, veio se acumulando, no marco do [...] ‘processo de renovação do Serviço Social’, uma bibliografia que, para além de seus aspectos polêmicos e problemáticos, acabou por dotar de nova face a profissão no Brasil.”*

Sabemos, portanto que ainda nos deparamos com dificuldades durante o processo de trabalho, seja por situações já postas, dificuldades organizacionais ou falta de recursos, físicos ou financeiros. Fazendo muitas vezes com que o profissional busque alternativas que vão desde convênios e doações da comunidade, até trabalhos alternativos, este é o assunto do próximo tópico.

2.1 Campo de Trabalho e Desafios do Assistente Social

Antes de cidadania virar palavra-de-ordem, já havia quem fizesse desse ideal a inspiração de seu trabalho. Hoje, após a regulamentação da profissão ocorrida em 1957, portanto, 45 anos depois, profissionais atuam em todo país, nas esferas pública e privada.

Hoje Assistentes Sociais atuam nos hospitais, postos de saúde, clínicas, INSS, Cieps, ONGs de meninos de rua, entidades de apoio a idosos e deficientes, sistema penitenciário, centros comunitários, trabalhando com jovens, empresa, rede de filantropia privada, consultorias, nos

municípios, onde o mercado de trabalho se encontra mais aquecido, devido à crescente demanda das Secretarias, em especial a do Desenvolvimento Social.

Bartlett (1976), traz na Introdução de seu livro, um parágrafo que justifica e até traduz o que tentamos afirmar:

Uma das forças mais vigorosas que determinam o crescimento de uma profissão, é a maneira pela qual os seus membros percebem e definem o que estão fazendo ou tentando fazer, seus objetivos, conhecimento e técnicas. Neste momento o Serviço Social tem potencial para dar uma contribuição importante e significativa à sociedade. O impulso para a frente e o crescimento dependem do interesse e da capacidade dos assistentes sociais de identificar e conhecer as possibilidades e limitações essenciais de sua profissão consolidando forças para prover uma fonte poderosa de ação.

Discute-se hoje o significado de um Serviço Social alternativo voltado para o popular, mais criativo em ruptura com a relação burocrática e com uma visão global das relações sociais e do ser humano como sujeito histórico, subjetivo e integral: *“O assistente social se relaciona com a totalidade da pessoa e ela tem que ser sentida em sua total integridade.”* (Bartlett; 1976, p.38)

Temos ainda outro grande desafio do Serviço Social, que é em meio a tanta crise manter-se no mercado, hoje temos alguns profissionais montando microempresas e consultorias, encontrando novas formas de se manter atuante. Portanto, faz-se importante estar sempre atualizado, ter bons conhecimentos também na área da tecnologia, como um curso básico de informática, pois além de abranger nossos conhecimentos ao máximo que conseguirmos, conhecendo outras áreas, aprendendo coisas interessantes e práticas, adquirimos conhecimento que poderão ajudar ao próprio profissional e ao seu cliente, paciente ou usuário.

Uma das características mais importantes que nos dão chance de enfrentar estes desafios, permanecer, e até mesmo conquistar novos espaços, é esta visão que conseguimos ter do todo e

de cada parte que o envolvem. Por isso, nas Casas-Lares/Coqueiros, percebemos que a cada dia o trabalho do Serviço Social evolui e o contexto ao qual este profissional está envolvido acompanha estas mudanças, beneficiando o grupo.

2.2 Caracterização dos Abrigados

Sabendo que as crianças e adolescentes que chegam às Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, trazem uma bagagem histórica que é permeada de traumas e abandonos, busca-se, na Instituição, contribuir para a construção de uma nova realidade, onde possa ser reconstruído um outro momento na história de vida de cada um deles.

Cabe muito bem aqui citar Paulo Freire (1996, p.85), quando nos lembra que nosso papel no mundo é o de construtor e transformador de realidade:

[...] O mundo não é. O mundo está sendo.[...] meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar.

Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.

Conforme Abranches (1987), a política social induz mudanças, podendo colocar certos grupos em situação de dependência, compensando a perda da renda derivada de circunstâncias diversas como: velhice, invalidez, viuvez, maternidade, acidente de trabalho, desemprego e crescimento familiar.

Por outro lado, o profissional do Serviço Social deve favorecer a independência, fazendo com que seus usuários desenvolvam habilidades que possibilitem suas próprias conquistas. Um dito popular que traduz esta idéia e que é muito ouvido em nosso cotidiano, sendo dito inclusive nos bancos escolares pode ilustrar este parágrafo: “não dê o peixe, ensine a pescar”.

Já foi percebido que em alguns momentos há realmente dependência quanto às ações desenvolvidas para com os abrigados, seja por parte destes ou de seus familiares que buscam este tipo de alternativa, como fuga à responsabilidade. Em um relato de uma adolescente abrigada foi dito, durante o estágio, algo semelhante: fica fácil trazer para casa lar, a mãe não quer cuidar do filho e traz para cá.

Por outro lado pode ser percebido em relatos dos abrigados um desejo contínuo por atenção, carinho e cuidado, bem como o direito por fala e respeito. Em entrevista Gabriela declarou: “[...] Às vezes a gente também tem que parar pra ouvir elas [...] Elas também tem que respeitar nós, para pra ouvir nós e nós também [...]”.

A política social tem a obrigação de garantir para toda população, como direito adquirido, pelo menos meios, compensações para uma vida digna de cidadão. Abranches (1987) indica que a política social e a garantia de direitos universais e a política de redução da pobreza visa retirar aqueles que estão em condição de miséria a uma situação onde haja meios para sua subsistência.

No depoimento prestado pela monitora Ana percebemos o entendimento do que muitas vezes representa um dos direitos universais: “[...] muitas vezes, quando acontece confusão, elas querem chamar atenção, criança é assim, ainda mais elas que não tem pai nem mãe[...]”.

Segundo Abranches (1987), a pobreza é destituição dos meios de sobrevivência física, marginalidade, desproteção, privação absoluta, carência dos meios de subsistência, falta de amparo público e inoperância dos direitos básicos de cidadania. É resultado de mecanismos estruturais da economia que promovem privação cíclica e continuada de meios de trabalho e de vida que atinge cada dia mais cidadãos, sejam eles brasileiros ou africanos.

A pobreza e a desigualdade são fenômenos distintos, mas interagem entre si reforçando um ao outro. Existem pobres porque existem os não pobres, isto nas diversas situações, não exclusivamente nas econômicas. Sabemos que hoje o número de pobres cresce a cada instante, em resposta a esta realidade temos a classe burguesa, que diminui em número, mas cresce em patrimônio.

As crianças e adolescentes que fazem parte da Instituição de abrigo da qual tratamos advém desta realidade de miséria que causam o desrespeito à vida humana. A maioria dos abrigados é proveniente de comunidades com pouca ou nenhuma infra-estrutura, morros e favelas nas quais sobreviviam em condições inadequadas a sua boa formação psíquica e física. Podemos citar como exemplo casos nos quais algumas delas sobreviviam de “esmolos”, outros em estavam desabrigados e/ou sofrendo exploração econômica ou de trabalho, falta de cuidados.

Condições que a cada dia se manifestam aos nossos olhos, mas diante das quais temos que desenvolver certa alienação como forma de não surtarmos ao imaginar que poderia sim, ser um de nós vivenciando situação tão perigosa, degradante ou mesmo já naturalizada pela adequação à realidade.

Os níveis de pobreza só poderão ser superados com alterações significativas na distribuição de renda e patrimônio. Parte importante da política antipobreza consiste em uma modalidade particular de política redistributiva, mas esta política, no seu contexto global não se refere necessariamente à redução significativa das desigualdades.

2.3 Serviço Social das Casas-Lares/Coqueiros

O Serviço Social nas Casas-Lares/Coqueiros foi iniciado pela Assistente Social Maria Tereza Barreto Floriani, pouco tempo depois da fundação da Casa Lar Nossa Senhora do Carmo e desde esta época a Assistente Social desenvolve a atividade profissional sem remuneração.

Hoje as Casas-Lares, contam com o trabalho de outra Assistente Social, Márcia Gomes de Oliveira e estagiárias que auxiliam nas atividades já estipuladas, como o desenvolvimento e execução de projetos, o acompanhamento de programas, a verificação de documentos, a elaboração de prontuários e relatórios, além daquelas que surgem no dia a dia, como a falta de um material de limpeza ou divergências entre abrigados e/ou monitores.

As assistentes sociais e também as estagiárias são procuradas com frequência pelas monitoras e pelas crianças e adolescentes das casas, pelos mais variados assuntos: escola, mau comportamento, permissão para passeios e namoros, falta de alimento, necessidade de administrar melhor o uso de materiais coletivos, falha de comunicação entre os plantões, descumprimento de solicitações, entre outros.

Existe uma relação de respeito muito intensa dos monitores frente a estes profissionais e aos estagiários, após algum tempo de contato estes últimos se tornam mais requisitados e até mesmo substituem os primeiros ao ouvir os funcionários e os abrigados sobre suas angústias, desejos, idéias, necessidades.

É importante constatar que as Assistentes sociais desempenham sua função, indo além dos limites impostos ou já cristalizados. Ou seja, há sempre um incentivo à promoção da autonomia, tanto dos abrigados quanto das monitoras, na tentativa de que se consiga diminuir a procura pelos profissionais em situações desnecessárias, como exemplo podemos citar a situação em que um menino teve um corte no pé e a monitora envolveu várias pessoas para solucionar a situação.

Em algumas circunstâncias, os próprios educadores têm que tomar decisões não previstas, mas, de modo geral, as diretrizes, orientações e normas precisam ser definidas e divulgadas entre as crianças, os funcionários e os serviços relacionados. Sempre que possível, as crianças devem ser envolvidas na elaboração das normas, para uma adequada convivência, num ambiente harmônico e agradável, em que a naturalidade e espontaneidade não sejam comprometidas. (Reis: Projeto Casa-Lar, p.21)

Percebemos deste modo que projeto de capacitação dos profissionais, é de grande importância neste ambiente, uma vez que promoverá esta independência, nos momentos

necessários. Expor um pouco mais as políticas de atendimento do Serviço Social contribuirá neste sentido e também na promoção do desenvolvimento da cidadania.

O Serviço Social tem com principais tarefas ser o mediador, se podemos assim definir, entre os órgãos encaminhadores – juizado, conselho tutelar, e a realidade de cada criança e/ou adolescente abrigados nas Casas. Podemos citar algumas ações básicas dirigidas pelas Assistentes Sociais:

- Recebimento e acompanhamento das crianças e dos adolescentes;
- Conhecimento da realidade (Antecedentes históricos) dos abrigados, através de relatórios e pareceres encaminhados e/ou solicitados;
- Organização das Casas – seleção e acompanhamento dos monitores, divisão de tarefas, realização e coordenação de reuniões, entre outros;
- Acompanhamento escolar;
- Coordenação de Programas, como o de apadrinhamento-afetivo;
- Situações de adoção, guarda e acompanhamento de crianças e famílias adotivas;
- Realização de Relatórios para registro da Instituição;
- Encaminhamento e organização de documentos e relatórios;
- Contato com Juizado, Conselho Tutelar, SOS Criança, psicólogos, médicos, família de origem e/ou substituta;
- Atendimento individuais;
- Acompanhamento dos grupos: das crianças e dos adolescentes;
- Supervisão de estágio.

Contudo, as atividades do Serviço Social dentro desta Instituição estão pautadas no atendimento individual e grupal, através dos quais são desenvolvidas as demais ações: estudo de caso, acompanhamento dos egressos, elaboração e prática de projetos e programas.

O estudo de caso é realizado com intuito de colher dados sobre o abrigado e sua família (história, condições de vida e cuidados especiais), como forma de registro cada um tem um prontuário no qual são arquivados todos os documentos que lhe dizem respeito: ofícios recebidos e enviados; entrevistas; histórico referente a abrigos anteriores; entrevistas; visitas domiciliares; registro de contatos com Conselho tutelar, juizado; documentação médica. Aqueles que contam com atendimentos médico, psiquiátrico, psico-pedagógico ou terapêutico, também tem em seu prontuário, informações sobre os mesmo.

De posse destas informações o Serviço Social pode verificar quais as ações necessárias a cada caso, tendo em mente a possibilidade de retornar o abrigado ao convívio familiar. Muitas vezes não sendo possível, tenta-se a colocação em família substituta, no entanto esta é outra alternativa não muito freqüente, devido a procura por crianças de idade inferior a 7 anos.

Conforme aborda Vieira (1998, apud Gerardi, 2000, p.45): *“O processo educacional não se resume à escolarização, é preciso oferecer às crianças oportunidade de acesso a outros agentes educacionais, que com certeza funcionarão como parceiros para o desenvolvimento do processo educacional.”*

Há, nas Casas-Lares/Coqueiros, o Projeto de apadrinhamento afetivo, através do qual a criança e o adolescente, tem a oportunidade de conviver com uma família em finais de semana,

feriados, férias. Este projeto permite que pessoas interessadas venham conhecer a Casa e seus abrigados e a partir do interesse em apadrinhar uma criança ou adolescente, realize uma entrevista com as Assistentes Sociais e contribua na formação psicológica, afetiva, educacional, atenção mais individualizada ao seu apadrinhado.

O instrumento de trabalho mais utilizado no cotidiano das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz é a conversa especulativa, através da qual “sentimos” como está a criança, o adolescente e a monitora naquele dia, que necessidades e que alegrias fazem parte de seu momento, e a entrevista. É sobre ela que falaremos um pouco mais.

Benjamin (2001, p.16,17) , nos traz o seguinte conceito:

[...] a entrevista é um diálogo entre duas pessoas, um diálogo que é sério e tem um propósito. O objetivo da entrevista é auxiliar o entrevistado, que pode vir até nós livremente, procurando ajuda. Pode vir contra sua vontade, forçado pela lei ou outros agentes, talvez por nós mesmos. Em qualquer caso, a questão fundamental para o entrevistador deve ser sempre a seguinte: qual será o melhor modo de ajudar esta pessoa? [...] Ajudar é um ato de capacitação. O entrevistador capacita o entrevistado a reconhecer, sentir, saber, decidir, escolher se deve mudar [...].

Podemos dizer que este é um conceito que se aplica na prática do Serviço Social das Casas-Lares/Coqueiros, uma vez que o intuito é sempre chegar à melhor solução e que esta seja verificada por aquele que busca a resposta e não que ela seja dada por quem é procurado.

Outro conceito sobre entrevista foi buscado em Selltitz (1967, p.273), este nos aponta um outro tipo de entrevista, que será utilizado na coleta de informações sobre o que as partes envolvidas sentem umas das outras. Seu entendimento mostra que como uma técnica de coleta de dados, ela é adequada para a obtenção de informação acerca do que as pessoas sabem, crêem,

esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Pode-se definir entrevista como uma técnica, através da qual o entrevistador se apresenta frente ao entrevistado e lhe formula perguntas, com objetivo de obter dados, auxiliar na busca de suas respostas ou nas do outro, em uma forma de interação social.

III CAPÍTULO

3 AÇÕES PEDAGÓGICAS E DE CAPACITAÇÃO

“O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? de onde venho? onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a razão da educação.”
(Freire, 1983, p. 27)

É por acreditar na idéia de que o ser humano precisa atualizar-se e buscar novos conhecimentos, que a Instituição pensou em uma atividade que pudesse promover uma reflexão que envolvesse toda equipe de trabalho das Casas-Lares/Coqueiros, como forma de alcançar melhorias e aperfeiçoamento de habilidades no que diz respeito a qualidade do atendimento às crianças e adolescentes da Instituição no âmbito profissional.

Ou seja, desejamos ver a cada dia pessoas mais comprometidas com o trabalho proposto à uma instituição de abrigo, assumindo seu papel de educador e a postura profissional e ética que será fundamental como exemplo aos abrigados, bem como transmitir afetividade a eles, no sentido de demonstrar sua função e indo além, ao demonstrar sua condição de sujeito que ri, chora e sente necessidade de receber afeto:

O compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano do concreto. A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele [...]
(Freire, 1983, p.15-16)

Muito já se tem alcançado neste sentido, percebendo contradições quanto ao atendimento às crianças e adolescentes em situação de abrigo desta Instituição, as Assistentes Sociais já se posicionaram até mesmo realizando desligamentos, em situações extremas. Pois, necessitamos de pessoas que, tendo ou não qualificação para atender abrigados, estejam dispostas a assumir as tarefas estabelecidas e alcançar as ações propostas, dispondo-se a fazer parte de um processo de qualificação.

Em uma entrevista fornecida pela monitora Ana percebemos o desejo por este aprimoramento: *“Acho que tinha que ter mais estudo sobre as crianças que a gente trabalha. Mais Parada Pedagógica, tem pessoa que trabalha em Casa-Lar e não sabe o que tá fazendo, acha que é só cuidar, mas não é isso. Tem que ter estudo, senão não funciona.”*

Vemos, portanto, que há uma consciência quanto à responsabilidade que traz consigo a função de monitora e do quanto é válido e necessário um momento de aprimoramento profissional. Quanto a importância de um processo de capacitação Wahrlich (1960, p.9) afirma: *“Seria, portanto, de esperar-se que, senão todas, pelo menos a maioria das empresas concedessem especial atenção às atividades necessárias a obter pessoal efetivamente qualificado e ajustável, e a prepará-lo para dar o maior rendimento possível no trabalho.”*

Wahrlich (1960, p.19) determina que o treinamento ter por objetivo o alcance de maior eficiência do empregado no trabalho atual, capacitação ao que é mais complexo e difícil em sua atividade e sua integração ao meio. Coloca ainda que *“[...] o conhecimento humano está em contínua evolução, exigindo o ajustamento progressivo do empregado a nova técnicas, novos hábitos e novas atitudes [...]”*

A capacitação ou qualificação dos profissionais se dá, portanto, não apenas como um requisito anterior à sua entrada em uma instituição mas como uma atividade a ser desenvolvida também quando já faz parte da mesma. A participação em um momento como este proporciona ainda uma melhor adequação a novas ações ou técnicas que surgem com o decorrer do tempo no exercício da função ou mesmo em trocas de cargos.

Em uma Casa-Lar este momento se faz ainda mais importante devido às suas peculiaridades, como por exemplo os conflitos diários entre abrigados ou abrigados/monitores, e a responsabilidade que os profissionais têm sob sua clientela. A monitora Ana acredita na necessidade de um estudo contínuo para sentir-se preparada para o seu dia-a-dia na Instituição e no melhor desempenho de sua função em benefício, primeiro daqueles a quem atende:

Quando comecei a trabalhar no fim de semana era só lazer, dia de semana mudou muito. Você passa a fazer parte da vida delas [...]. Minha responsabilidade aumentou muito. [...] Nós temos que ser muito preparadas, porque você chega aqui 7horas, você não pensa a metade do que vai acontecer. [...] É preciso ter pelo menos um conhecimento básico de educação. Tens que ter conhecimento da sua clientela, pra saber como lidar [...], já me enrolaram muito aqui, mas hoje é diferente...”

Este depoimento nos mostra, ou melhor, lembra-nos que a responsabilidade pela qualificação profissional não é uma atividade que deva ser pensada, programada e procurada somente pela organização, mas também pelos funcionários. Sobre isso Wahrlich (1960, p.21,22) afirma:

A responsabilidade pelo treinamento cabe [...] a várias autoridades e a vários órgãos [...] É o chefe o maior responsável pelo treinamento pelo simples fato de ser ele o maior responsável pela produção [...] é também responsável [...] o empregado, pois que, sem o seu interesse em aprender, produzir bem e progredir, falharão todos os outros [...]

Por outro lado, enfrenta-se ainda muitas dificuldades, quanto a participação destes profissionais neste tipo de atividade, principalmente por acreditarem que este tipo de processo

não adianta de nada, que já sabem o tudo e algumas até solicitam permissão para levarem seus filhos ou mesmo para não participarem de momentos como a dinâmica de grupo.

Faz-se importante, portanto, neste momento, conhecer e saber quem é este profissional que detém tanto poder e responsabilidade em seu cotidiano dentro da Instituição Casa-Lar.

3.1 Monitores

Entendemos que os monitores representam em grande parte um exemplo às crianças e aos adolescentes das Casas-lares/Coqueiros e, pensando nisso buscamos através deste trabalho apresentar o projeto de capacitação destes profissionais que visa reforçar sua importância e auxiliá-los na manutenção de um trabalho de qualidade cada vez mais qualificado. Por isso trazemos o pensamento abaixo, como uma reflexão a este trabalho:

Os adolescentes que crescem com modelos humanos fortes e responsáveis, merecedores de confiança e respeito [...] sentem-se seguros sobre a ordem em suas vidas e, em geral são capazes de entender o que está acontecendo. A maior parte do tempo sabem distinguir o certo do errado [...] (Lapa, 2000. Apud Cledes, Bean, Clark, 1995, p.88).

O grupo de monitores está dividido em três categorias, que melhor definem suas atividades e horários de trabalho: o monitor de nível I que cumpre 44 horas semanais, de segunda à sexta de 7:00 às 19:00; o de nível II trabalha em regime de 12 horas por 36 horas, estando na casa durante a noite e madrugada em jornada ininterrupta; o monitor nível III trabalha 20 horas semanais cumpridas aos sábados e domingos.

Os monitores são funcionários que têm como função assistir as crianças e adolescentes em situação de abrigo, devendo:

- Fazer respeitar os direitos e deveres das crianças e adolescentes;
- Tratar todas as crianças e adolescentes sem distinção e/ou preconceito;
- Estabelecer com todos os membros das Casas um convívio prazeroso, num espírito de cooperação e solidariedade;
- Receber e atender com atenção as crianças e adolescentes, seus pais, padrinhos ou demais pessoas que procurem as Casas-Lares;
- Não comentar, em hipótese alguma, a história de vida dos abrigados, a não ser com técnicos, a fim de estudos e informação;
- Não prestar informação a terceiros a respeito dos abrigados, cabendo essa tarefa ao assistente social responsável;
- Manter o ambiente das Casas organizado, em favor dos seus ocupantes;
- Estar atento às normas das Casas (funcionamento da cozinha, serviços gerais, coordenação, etc), procurando trabalhar o mais articulado possível com todos os setores;
- Não esquecer que os hábitos de higiene e alimentação das crianças e adolescentes são fundamentais no dia a dia e fazem parte do planejamento geral das casas;
- Discutir com os coordenadores os avanços, dúvidas e dificuldades com o trabalho diário;
- Participar das reuniões de equipe e da parada pedagógica sempre que convocado.

Estes itens compõem as atribuições de todos os monitores das Casas-Lares/Coqueiros, sendo que há especificidades quanto aos níveis, que podem ser melhor acompanhados no regimento em anexo.

Cabe-nos aqui constatar o papel de educadores sociais, que todos eles assumem perante aqueles a quem atendem. Com isso, o termo monitor, fica sendo apenas uma nomenclatura usual, sem conotação de vigilância ou controle que muitas vezes parece trazer. No entanto, ao buscar no dicionário (Ximenes, 2000) por este termo encontramos justamente a descrição que nos parece adequado: a de quem aconselha, adverte, orienta. É deste modo que este profissional é visto na maioria das vezes nas Casas-Lares/Coqueiros.

Sobre o papel do monitor na Casa-Lar e diante dos abrigados, Ana afirma:

Tens que conseguir o respeito delas, tens que conhecer elas. Elas têm que ter confiança em ti, pra isso tem um longo caminho, quase um ano. Acho que mais que isso, as pessoas que trabalham tem que ter conhecimento deste trabalho, a gente não tá aqui só pra cuidar, mandar pra escola, ficar ali no sofá e não dá atenção. [...] tento fazer o papel de conselheira. Quando acontece alguma coisa eu converso. É melhor resolver um probleminha que depois enfrentar um problema que envolve todo mundo. [...] Me vejo como educadora [...] Aí, quando tem uma 'Parada'⁶, acham chato. Mas tem que ter na Casa-Lar. Você é um educador, se você não tiver preparada pra enfrentar os problemas, não dá. Ou você vai deixar 'a la vontade' ou vai ser muito rígida. O estudo vai te dar um meio termo.

Ainda, usando as determinações do Regimento Interno, verificamos que a Proposta Pedagógica das Casas-Lares deve estar fundamentada em uma concepção de criança cidadã em processo de desenvolvimento. Para isso, os monitores precisam interagir com o processo sócio-pedagógico estabelecido pela Instituição, bem como com suas propostas, metas e objetivos.

⁶ A monitora refere-se à Parada Pedagógica.

Para as pessoas que cuidarão das crianças e adolescentes num abrigo/Casa-Lar pressupõe-se processos de capacitação, reciclagem, supervisão,... para um efetivo atendimento à clientela.

O profissional que atua no abrigo precisa revestir-se do papel de educador, tendo acesso à contínua capacitação relacionada ao desenvolvimento infanto-juvenil, políticas sociais para a infância, realidade social brasileira [...] (Reis, p.16).

Foi isto que levou a “equipe de Serviço Social” a colocar em prática, encontros que pudessem auxiliar nesta questão, possibilitando além de conhecimento técnico e informativo, momentos que propiciassem à equipe descontração e integração. É importante colocar que esta idéia surgiu após conhecimento do trabalho realizado pela Sociedade Alfa Gente (ONG, coordenada por Tito Lívio De Bem Menezes).

Em seu livro *Instituição e relações afetivas*, Guirado (1996) aponta ainda questões fundamentais para se compreender e refletir quando tratamos sobre afetividade nas relações institucionais. Ela narra duas ocasiões onde a atuação dos profissionais responsáveis pelo abrigo nos leva a sérios questionamentos.

Em uma das situações temos uma criança que chorava e uma atendente que pedia que a primeira não mais chorasse pois: “não sabia o que era triste; triste era a vida de adulto que tinha que trabalhar todo dia, andar de ônibus cheio, ter dor de estômago e no final do mês, não dispor de dinheiro nem para comprar remédio ou pagar o aluguel”.

Outra era uma situação onde dois meninos são encaminhados pela professora à enfermaria, um com uma deficiência na perna levava o outro que machucara o joelho. Não tendo explicado o ocorrido à enfermeira, que sentou os dois na cama, examinou seus ouvidos e realizou

curativo no acompanhante, sendo que ao olhar para o que estava machucado disse: “Esse aí tá com a cara boa”.

É importante verificar este relato, uma vez que nos mostra que tipo de convivência estabelecemos em nossas relações diárias, e principalmente dentro de uma Instituição de abrigo, fazendo com que questionemos: Estamos agindo certo?; Em que podemos melhorar?; Que tipo de relações estamos estabelecendo e quais queremos ter?; Como agir e o que dizer?.

Em contrapartida a estes fatos ela apresenta uma terceira, na qual foi observada a relação destas crianças com os voluntários, onde uma criança constantemente solicitava que a voluntária amarrasse seu cadarço como quem “provocasse uma brincadeira”, Guirado coloca que criança nunca fizera isto com os funcionários ou com a professora.

O que nos fez perguntar: como estamos agindo?; É dizendo somente não e/ou “prendendo” a criança que a deixarei protegida e mais próxima a mim?; Será que não falta olhar mais nos olhos delas tentando verificar quais seus maiores desejos?; Como deve agir o monitor?; Que aptidões ele precisa ter ou desenvolve?

Observando as vivências dos usuários e através do atendimento individual e grupal realizado com estes nas Casas-Lares/Coqueiros, além das conversas realizadas durante o estágio com as monitoras, verificamos a importância de realizarmos estes questionamentos em equipe.

Para confrontarmos com nossa realidade podemos ver o que Guirado (1986, p.29) diz quando se trata da realidade da Febem:

[...] o significado que tem para a criança, a separação em relação à família bem como as relações que vem a viver na prática de uma instituição como a Febem. Sua afetividade será então pensada enquanto o conjunto dessas significações que se constroem em seu vivido e nas quais se delinea um lugar para ela, em relação às pessoas no passado e no presente. [...] Como a Febem, ou melhor, as unidades da Febem são a condição de possibilidade para o estabelecimento de relações substitutas às que vinham se estabelecendo, a concepção ou as representações em que as práticas se constroem a respeito da clientela (a criança e a família atendida) devem, de alguma forma, constituir-se no contraponto das representações da criança [...]"

Com isso constatamos sim a necessidade de serem efetivadas ações que contribuam com a melhora na qualidade de atendimento das Casas-Lares/Coqueiros. Pois, sabemos que muitas das ações ainda são permeadas por valores e práticas com ranços institucionais, o que vêm a reforçar a necessidade de atividades interventivas de capacitação profissional e justificam as possíveis dificuldades que surgirão durante o processo.

Pensar a instituição como um conjunto de práticas ou de relações sociais que se repetem e se legitimam enquanto se repetem (Guilhon) e não como um estabelecimento, é, sem dúvida o primeiro passo para se afirmar que a entrada na instituição – a internação- não significa apenas a mudança de espaço e de ambiente físico, mas, principalmente, uma alteração possível nas pautas de relação. Além disso, pensar que a legitimidade dessas práticas supõe as imagens que se constituem a respeito do lugar (simbólico) ou do papel que os sujeitos ou os atores institucionais nelas ocupam, permite pensar as representações como o nível subjetivo da organização e da estruturação da prática. "Subjetivo" aqui entendido, como o nível da identificação imaginária que é a ocasião de um certo reconhecimento e de desconhecimento na e da ordem das relações instituídas. (Guirado, 1986, p.39)

Vale lembrar que novos conceitos precisam ser compreendidos, no sentido de nos percebermos como um time, uma equipe que trabalhará junto em prol de um objetivo comum e para tanto precisamos compreender melhor o contexto ao qual a criança e o adolescente vivencia na instituição e perceber nossa importância perante sua formação, bem como a validade de nossas ações ante as relações estabelecidas.

No Projeto Casa-Lar (Reis, p.19,20) podemos acompanhar pontos fundamentais para reforçar o que tentamos expor:

Os educadores são os que acompanham o dia a dia da casa, ou seja, o cuidado direto de cada criança/adolescente abrigado. São os responsáveis pela alimentação, orientação, apoio escolar, desenvolvimento, acompanhamento nas atividades de lazer e em programas externos (escola, saúde, profissionalização, etc.[...]

O educador precisa ser um agente estimulador da criatividade e da independência dos abrigados e, principalmente crer na possibilidade de sucesso de sua função educativa. [...]

Neste trabalho, o educador precisa estabelecer suas relações com muita afetividade. Cada abrigado, via de regra, traz uma carga emocional bastante acentuada (abandono, fome, mendicância, desagregação familiar, maus-tratos...)

Mesmo com o envolvimento emocional controlado o educador se desgasta ficando, às vezes, stressado. Há necessidade de trabalhar a relação emocional que se estabelece entre o educador e o atendido.

3.2 Parada Pedagógica

As “Paradas Pedagógicas” apresentam-se, portanto, como uma possibilidade de favorecer o encontro de todos os profissionais envolvidos com as Casas-lares/Coqueiros em uma discussão e/ou estudo que ampliará sua visão a novas alternativas de intervenção e avaliação, em grupo do que até o momento se discute e aplica.

Estes encontros ocorrem de modo bimestral e tratam de assuntos diversos, que são propostos e/ou validados, conforme a necessidade e sugestão dos funcionários. Contam com momentos de reflexão, integração e palestras/estudo, sendo que buscamos convidar profissionais que não tenham uma ligação direta com a Instituição, para a abordagem do tema geral ou ainda para o desenvolvimento de atividades lúdicas.

O material para a realização das “Paradas Pedagógicas”, foi elaborado a partir destas reflexões e já conseguiu, em sua primeira realização promover mudanças à qualidade de vida, de trabalho, de convivência, de conhecimentos. Uma vez que já foram realizadas ações de

integração (dinâmica de grupo coordenada pela psicóloga Gleidismara dos Santos Cardozo de Castro Franzoni).

Entende-se por dinâmica de grupo, conforme Gonçalves (1999):

Um meio utilizado para que os grupos ampliem seu conhecimento pessoal, facilitem o relacionamento, expressem sentimentos, confrontem idéias; estimulem os pensamentos analógicos e associativos, incentivem a comunicação não-verbal; busquem o consenso; solucionem conflitos, caracterizem os tipos de liderança; explorem a riqueza de expressão grupal; despertem o sentimento de solidariedade, de confiança mútua, o descobrimento do outro, etc.

Reforçando e até completando este conceito, buscamos em Miranda um pouco mais sobre a técnica da Dinâmica de grupos, visto que ela estará presente em muitos dos encontros com a equipe das Casas-Lares. Miranda, através de Cartwright e Zander (1969), aponta a dinâmica como um ramo de conhecimento e até mesmo uma especialização intelectual que tem interesse pelo comportamento humano e pelas relações sociais.

A dinâmica de Grupos proporciona aprendizagens diversas aos membros do grupo, tanto no sentido de vivência pessoal (auto-conhecimento), como na interpessoal (percepção do outro). Ainda segundo estes autores, quatro profissionais que se destacaram nos anos 30 colaboraram para ampliar a importância da Dinâmica de Grupos, por lidar diretamente com agrupamentos de pessoas... o serviço social, o primeiro segmento profissional a admitir que os grupos podem ser orientados de forma que seus interesses absorvam as *modificações necessárias*[...]

Além desta parte de integração, contamos com o momento da capacitação uma palestra sobre primeiros socorros e os principais cuidados e acidentes que ocorrem com crianças e adolescentes (tema solicitado pelas monitoras). Este momento contou com a contribuição do médico Jardel Correa de Oliveira.

Conseguimos sentir seu alcance direto nos participantes e consequentemente nas intervenções posteriores com as crianças e adolescentes das Casas-Lares, à medida em que o

diálogo foi sendo fortalecido e até mesmo com a participação dos abrigados nas reuniões mensais de monitores (que se diferem da Parada Pedagógica por tratarem de assuntos de ordem prática, administrativa).

A Parada pedagógica ficou programada para ocorrer em um dia ou uma tarde, de estudo, recreação e integração, onde a equipe se reúne para discutir temas propostos (saúde, adolescência, adoção, sexualidade...), dinâmicas de grupo, discussões e reflexões que além de favorecer a capacitação profissional, colabore com melhorias no que diz respeito a comunicação, intervenção profissional, autonomia e relacionamento grupal.

Buscamos diversificar os recursos de modo a promover o envolvimento de todos, com isso conseguimos deixar claro na primeira Parada Pedagógica (seu registro pode ser acompanhado em anexo) que ela se diferenciara das reuniões mensais de monitores, uma vez que contará com a presença de convidados, outros profissionais, que ficarão encarregados de abordar o tema proposto ou realizar uma atividade lúdica.

Também será um diferencial para este momento nossa confraternização através de um lanche e até mesmo na leitura de um texto. Seu dia e horário serão previamente combinados com o grupo, já que desejamos a participação de todos, procuramos adequar sua realização ao que fique melhor a toda equipe ou ao menos à sua maioria.

As Paradas Pedagógicas podem ainda se constituir em uma alternativa para proporcionar o aprimoramento da capacitação profissional no sentido de amadurecer a equipe para feed-backs, ou seja, para ouvir o que outro tem a dizer sobre suas ações e quais as possíveis sugestões e

elogios. Através desta técnica estaremos cada vez mais aptos e abertos a ouvir e principalmente aceitar de forma profissional esta opinião, levando-a às nossas ações diárias, como melhoramentos.

Visando fortalecer vínculos do grupo como uma equipe, conseguiremos, através destas propostas, perceber, ao longo do processo, monitores, assistentes sociais, estagiários mais integrados entre si e conscientes de seu papel, com olhar cada vez mais voltado à qualidade no trabalho a ser desenvolvido. Tendo em vista crianças mais seguras e até tranqüilas em relação à sua estada na Casa, no sentido que será promovida a autonomia do sujeito e do sentido de pertencimento, uma vez que, mesmo sendo um abrigo – temporário-, é importante que seus moradores sintam-se em um ambiente familiar, acolhedor.

Onde possamos instaurar uma relação mais próxima e companheira, ou seja, na qual não sejamos somente um grupo de pessoas que convivem diariamente, mas um time, uma equipe que deseja dia-a-dia amadurecer junto.

Santos (2002), apresenta alguns conceitos sobre grupo buscando em Lapassade (1977) e Lewin (1948) suas teorias. O primeiro diz que, um grupo é formado por um pessoas relacionam-se entre si e leis que permitem um funcionamento interno. Estas leis são constituídas com base nos seguintes princípios: finalidade ou objetivo comum; conjunto de regras; tarefas concretas comuns; sistema de participação, comunicação e sistema de direção.

Já Lewin, diz que grupo pode ser compreendido como um todo dinâmico, algo maior que a soma de seus membros. O que quer dizer que: qualquer mudança, em um dos membros do

grupo, pode mudar sua essência. Vale lembrar que, segundo o autor, essência de uma grupo está na sua interdependência, não na semelhança ou na diferença de seus membros.

Concordando com estes dois conceitos fomos em Guirado (apud. Guirado, 1987, p.18) para “reforçá-los” e verificar sua influência sobre o todo e sobre cada integrante.

[...] Bleger teoriza sobre o grupo e sua relação com a estruturação da personalidade do sujeito. O grupo não será, para ele, uma entidade “acima dos sujeitos”, mas sim, a resultante desta possibilidade de se vincular [...] e de se relacionar [...]. Com isto, podemos dizer que a comunicação no grupo é este permanente movimento [...]. Mas podemos, também, de outra forma dizer que exatamente por este movimento o indivíduo é – sempre e em primeira instância- grupo.

Vale aqui citar o relato da monitoras Ana quando fala do trabalho que desenvolve e da integração que tenta aplicar no seu ambiente de convívio:

[...]Tem horas que acontece o conflito e depois tem que reunir todo mundo, sentar e conversar, e eles vão se apercebendo na situação como um grupo [...] vendo que aquilo vai afetar o outro que está ao meu lado. Estando em grupo, as que convivem, vêem quem tá errada. Se uma delas fala é mais fácil atingir do que nós falando.

O que quer dizer que um grupo é sim a união de pessoas num todo dinâmico, que com objetivo comum e regidos por algumas normas específicas se relaciona em uma interdependência, sobre as semelhanças e diferenças de seus membros, que já trazem consigo uma carga de conhecimentos e vivências que influenciam suas práticas naquele grupo. Sendo que, cada membro e o grupo como um todo se apresentam como uma só personalidade.

[...] A relação nas e pelas organizações é possível, porque existem os aspectos organizados e normatizados da personalidade (e/ou de relação) que fazem das normas e pautas de conduta das Organizações o seu controle e a garantia [...]. Desta forma, podemos dizer que a Organização é parte da personalidade porque a personalidade é também organizada. E qualquer mudança que se provoque na Organização, enquanto conjunto de grupos com tarefas e objetivos comuns no espaço e no tempo, implica numa mudança da própria personalidade. [...] Assim, o indivíduo, o grupo e a organização, constituídos aos olhos do observador como entidades separadas e isoladas, existem apenas na mais completa articulação [...]. Isto se dá a tal ponto que “a dissolução de uma organização, ou a tentativa de mudança da mesma pode ser diretamente uma desagregação da personalidade; e não por projeção; mas porque, diretamente, o grupo e a Organização são a personalidade de seus integrantes” (Bleger). Bleger prossegue

afirmando nessa linha que, algumas vezes e para alguns indivíduos, os grupos e as organizações constituem toda a sua personalidade. (Guirado, 1987, p.18)

Deste modo e conforme verificamos nas Casas-Lares/Coqueiros estabelecemos situações de questionamentos e propostas de mudanças que poderão causar este nível, acima apresentado. Ou seja, acreditamos que a presença de valores e práticas com ranços institucionais ainda dificultam uma proposta de trabalho onde possamos partir de um grupo para uma equipe mais coesa e aberta a novas propostas.

Equipe, entendida por nós como um conjunto de pessoas que trabalhará como um grupo mas em sentido mais estrito buscará melhorar cada vez mais seu trabalho, buscando promover mais união, tentando encontrar no outro respostas e sugestões, sabendo que será em benefício do todo e não de si mesmo apenas.

Santos busca em Silva (2000) seu conceito sobre equipe. Este diz que o desempenho em um grupo será fruto de um trabalho individual focado em para atribuições de cargos e responsabilidades individuais. Já o diferencial da equipe está em que o desempenho tende a ser superior ao obtido pela soma dos melhores talentos individuais de um grupo, porque os resultados advêm tanto do trabalho individual quanto do trabalho em conjunto.

equipe é um grupo de pessoas , pequeno ou médio que trabalha em estreita união, a fim de gerarem um produto comum". Para a autora, uma equipe difere de um grupo no momento em que este se reúne para dividir e realizar o trabalho individualmente. Já nas equipes as pessoas criam e aprendem em conjunto. (Menegasso, 2000 p.50. Apud Santos)

Lapassade (1983, p.237-238), ao falar sobre grupos, cita como exemplo um time de futebol, no qual cada um exerce uma função, visando o benefício para o grupo. Deste modo sua

ação será particular, mas não terá razão de ser sem as ações dos demais, isto para nós é ser equipe.

Portanto, é este espírito de coletividade, cooperação e interação que pretendemos alcançar entre as pessoas envolvidas mais diretamente com as Casas-Lares/Coqueiros. Não só para termos um ambiente de trabalho harmonioso, mas muito mais para conquistarmos nosso amadurecimento profissional e juntos analisar nossas ações e verificar o que foi bom e útil e o que precisar ser melhorado ou até substituído.

No trabalho diário dentro de uma Instituição de abrigo é fundamental que sejam feitas perguntas que nos permitam analisar nossas ações profissionais, especialmente porque lidamos com crianças e adolescentes que deveriam estar ali por um curto período, mas que muitas vezes só sairão após completar 18 anos, tendo como referência a educação obtida ali. Buscamos em Paulo Freire (1996, p. 43-44), uma teoria que mostrasse, ou comprovasse, a importância desta reflexão sobre a prática:

[...] O momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. [...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me [...]

Aliás, o fazer-se parte do processo, do contexto em que vivem esses meninos e meninas, torna nossa função muito mais “pesada”. Ou seja, nossa responsabilidade cresce conforme o tempo de convivência aumenta e passamos a “estar com ele”, como diz Freire no texto citado abaixo. Passamos então a construir a história junto com estes abrigados, não apenas nos adaptando e aceitando os fatos, mas transformando-os.

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando

convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele [...] É o saber da História como possibilidade e não como determinação. [...] (Freire, 1996, 85)

Portanto, não podemos negar o fato de que somos cada vez mais equipe, um time onde cada um tem sua função e onde cada ação provocará uma reação, uma modificação ou “pedirá” a soma de uma nova proposta, de uma outra idéia que possa melhorar ainda mais o conjunto. Sabe-se, portanto, que está é uma ação contínua e incessante.

3.3 Outras Atividades Pedagógicas

Além dos momentos de estudo explorados anteriormente, ocorrem nas Casas também reuniões de monitores, estas são mensais e permitem a participação de representantes (crianças/adolescentes) das Casas, com intuito de que eles coloquem suas reivindicações, sanem dúvidas e exponham suas opiniões e sugestões⁷.

Com isso, desejamos além de dar voz aos abrigados e juntos buscarmos alternativas aos seus anseios, faze-los sentir que mesmo em situação de abrigo (provisória) eles são responsáveis pelo espaço onde estão. Podemos ilustrar estes parágrafos com o depoimento da monitora Ana da Casa-Lar:

Achava assim, de a gente fazer sempre uma reunião pra colocar coisas boas deles, o crescimento deles [...] Trabalhar a valorização deles [...] Tu tens que conversar, elas têm que perder medo do monitor, fazer suas reivindicações. Aquela reuniões que tiveram, elas cresceram muito. Eu ensinei o caminho: ‘gente, vocês vão reivindicar o que querem, então façam tipo um ofício, todo mundo que aceitar assina’ Elas se sentiram valorizadas, claro que eu ensinei, não disse o que tinham que fazer.

⁷ Em anexo temos os questionamentos preparados por eles para as reuniões mensais, bem como seus registros.

Demonstrando amadurecimento quanto ao sentido de grupo a adolescente Maria afirma: “[...] acho que eu ajudo a várias coisas...é um jeito da gente ajudar, cada um tem que ajudar um pouco [...]”. Sobre o que poderia ser melhorado por parte de alguns profissionais, ela diz: “Mais diálogo, né!?[...] Assim, se a gente fizer alguma coisa de errado, elas ficam pra elas. Acho que o certo é assim, se a gente fizer uma coisa, sentar a gente e a monitora e a gente conversar.”

Faz-se muito relevante dar atenção a estes relatos, uma vez que demonstram desejo de falar e ouvir e muito mais que isso sentir-se compreendido e amadurecido a medida em que assimila novos saberes. Sobre isso (Mônaco, 2001) afirma: “Pelo fato do trabalho ser considerado um elo fundamental na existência do ser humano, desempenhar uma função de aprendizado e proporcionar c um papel social ao indivíduo, torna-se importante registrar o seu significado.”

Para alcançar tais objetivos, é preciso utilizar como recursos: a realização de dinâmicas de grupo, reuniões com as crianças, reuniões com os monitores e coordenadores e observações participantes. Estes instrumentais conduzem a ação profissional, contribuindo com o alcance dos objetivos a serem alcançados com o plano de ação executado.

No livro “Ah! Eu não acredito”, Almeida - 2001, mostra que aquele para o qual prestamos determinado serviço é nosso principal e mais importante foco. E para o qual devemos sempre ser sinceros, verdadeiros e principalmente transparentes e éticos, cultivando comportamentos baseados em valores positivos. O que justifica e fortalece a importância da presença do cliente da Casa-Lar em suas reuniões.

Esta idéia traduz um pouco de nossos pensamentos e anseio de colocar em prática um trabalho de envolvimento do grupo como um todo, onde as pessoas integrantes deste, sejam elas profissionais ou usuários, possam constituir de fato uma equipe, onde poderão expor pontos positivos e pontos a melhorar de forma clara, objetiva e sincera contribuindo para o amadurecimento do conjunto e melhoria na qualidade de seu trabalho e convívio. E onde o abrigado, nosso foco, seja sempre visto como um usuário que necessita de um atendimento especial e particular e que necessita expressar-se.

Em “Criatividade no contexto das equipes de trabalho”, Mônaco (2001) apresenta uma visão de trabalho citando Martin-Baró que diz: *“o trabalho constitui a atividade humana primordial e o marco de referência crucial que define o sentido da existência dos seres humanos.”*, seguindo com a idéia de que a vida é organizada em função do trabalho.

Contrapondo a esta idéia, o entendimento de Harman Hormann o trabalho e a educação estão juntos promovendo aprendizado e desenvolvimento do cidadão, proporcionando ao indivíduo papel social em atividades significativas para a sociedade, produzindo bens e serviços necessários e desejados pela sociedade e distribuindo renda total da sociedade de modo que possa ser considerado equitativo. O que completa a idéia acima e fortalece ainda mais a necessidade de um trabalho educativo, com exercício da cidadania e espírito de sociedade.

METODOLOGIA

A pesquisa que apresentamos, compreende algumas etapas específicas, iniciando-se com a experiência prática vivenciada nas Casas-Lares/Coqueiros entre fevereiro e setembro de 2002, através da qual pudemos observar as ações do Serviço Social em uma Instituição de abrigo, e optar pelo acompanhamento das atividades direcionadas aos profissionais que lidam diária e diretamente com os jovens abrigados.

Foi a partir dessa opção, que começamos a acompanhar e registrar as reuniões⁸ que ocorriam entre coordenadores e monitores das Casas-Lares. Com isso, integramo-nos mais ao grupo, conhecemos melhor seus membros, suas preocupações e idéias. Através deste acompanhamento foram programadas ações através das quais pudesse ser melhorado o relacionamento entre monitores e abrigados, começaram a ocorrer então as reuniões com participação de crianças e adolescentes e as Paradas Pedagógicas.

Acompanhamos duas destas reuniões e através delas percebemos que os jovens abrigados sentiram-se valorizados com sua participação e com o tratamento dado a eles. Demonstraram-se organizados e maduros à medida em que formulavam questões e solicitavam

respostas. As reuniões constituíram-se como momentos de grande importância ao crescimento do grupo, sendo mantidas no cotidiano da Instituição com objetivo de promover um exercício de cidadania.

As Paradas Pedagógicas destinadas aos monitores, fizeram-se também valiosas, pois contribuíram com a equipe no sentido de prepará-los, ou melhor, qualificá-los ao atendimento aos abrigados. Acompanhamos o primeiro encontro, através do qual confirmamos (pois já havíamos percebido durante o estágio) a resistência por parte de alguns profissionais em acompanhar e participar de momentos de estudo, troca de experiências e descontração. Também constatamos o desejo de outros profissionais presentes que desejam prosseguir com estes encontros por perceberem seu significado à sua ação profissional e ao bem estar dos abrigados.

Foi, especialmente, a partir deste momento que a pesquisa teve seu início. Prosseguimos então para a segunda etapa deste trabalho que prosseguiu com uma pesquisa bibliográfica, através da qual buscávamos estudos que abordassem trabalho em equipe, capacitação de profissionais, trabalho em instituições, ação do serviço Social.

De acordo com Gil (1994, p.71): *“A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”* Sendo que uma de suas vantagens é possibilitar uma maior cobertura, mais ampla do que o investigador poderia obter pesquisando diretamente.

⁸ Geralmente as reuniões são mensais, podendo ocorrer com mais frequência conforme a necessidade.

Este período de estudo bibliográfico nos ofereceu subsídios para confirmarmos a importância que a capacitação aos profissionais de uma Instituição de abrigo representa e compreender melhor como funciona e deve ser arquitetado um trabalho em equipe que visa a qualificação para o trabalho: responsabilidade, planejamento, objetivo.

De posse deste material percebemos a necessidade de ouvir algumas das partes envolvidas como forma de verificar se o que havíamos percebido, também havia sido notado pelos monitores e abrigados. Partimos, deste modo, às entrevistas, que visavam ilustrar o trabalho, no sentido de dar voz às partes diretamente envolvidas para que elas pudessem manifestar seus entendimentos.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram do tipo informal, pois suas perguntas tinham caráter orientador, não sendo fixas. Conforme Gil (1994, p.115-116) este tipo de entrevista se caracteriza-se por se desenvolver de maneira mais espontânea, sem estar sujeita a modelos preestabelecidos de interrogações:

Este tipo de entrevista é o menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados. O que se pretende com entrevistas deste tipo é a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado, bem como a identificação de alguns aspectos da personalidade do entrevistado.

Utilizamos a entrevista não-diretiva neste trabalho com intuito de colher informações sobre o como as pessoas envolvidas com as Casas-Lares, percebem a Instituição e o que pensam sobre seu papel dentro da mesma. Este tipo de entrevista se caracteriza, conforme Chizzotti (2000, p.92-93), como “[...] *uma forma de colher informações baseadas no discurso livre do entrevistado. [...] pressupõe que o informante é competente para exprimir-se com clareza sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análises suas[...]concepções e idéias*”

Foi possível com o exercício das entrevistas confirmar a validade que os momentos de estudo têm para os profissionais das Casas-Lares/Coqueiros e verificar o significado que seu trabalho representa para eles como uma realização e uma responsabilidade. Da parte das adolescentes pudemos constatar o anseio que sentem por terem alguém na Casa que esteja preparada para ouvi-las e discutir as melhores ações, comportamentos, caminhos e decisões a serem seguidos.

Esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa uma vez que trabalha com a realidade de um grupo, com uma relação dinâmica entre sujeito e objeto em um contexto social e cultural. Conforme aborda Chizzotti (2000, p.78-79):

Os cientistas que partilham da abordagem qualitativa em pesquisa se opõem, em geral, ao pressuposto experimental que defende um padrão único de pesquisa para todas as ciências[...] Afirmam, em oposição aos experimentalistas, que as ciências humanas têm sua especificidade – o estudo do comportamento humano e social [...] A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto[...] o sujeito observador é parte integrante do processo do conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A pesquisa, como um todo, aqui apresentada pode ser classificada como exploratória-descritiva, uma vez que abrange características de ambas. Buscamos em Gil (1995, p.44) suas designações e podemos entendê-la como exploratória, porque teve como intuito de: “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores[...]”. Tendo como características: apresentar menor rigidez em seu planejamento e por habitualmente envolver levantamento bibliográfico e documental e entrevistas não padronizadas.

Pode também ser denominada descritiva por ter, conforme Gil (1995, p.45), como objetivo principal descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis: “[...] *propõem estudar* o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade[...] têm por objetivo levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população[...]

A população de pesquisa compreendia entrevistas com uma monitora e três adolescentes de cada Casa-Lar, optando-se pelas monitoras do dia, por estarem elas por maior tempo com os abrigados e pelos adolescentes devido a maior facilidade de expressão. Por motivos de ordem interna e pessoal uma das entrevistadas não forneceu a entrevista e o universo previamente definido foi alterado, o que em pesquisa é compreensível. Sendo assim, foi entrevistado um número de três integrantes de uma das Casas-Lares, aos quais empregamos nomes fictícios e fizemos uma escolha aleatória.

Contudo, este estudo representa para nós o início de um trabalho mais complexo no que diz respeito às Instituições e à qualificação de seus profissionais como forma de aprimorar a ação profissional e consequentemente os resultados a serem alcançados. O que nas Casas-Lares/Coqueiros representava o bem estar dos jovens abrigados e dos monitores, bem como o melhor preparo destes ao se depararem com situações cotidianas, como por exemplo a divergência de opiniões entre os abrigados, e mais complexas como o descontrole psicológico de uma criança ou adolescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas das expectativas que trazíamos foram contempladas com respostas durante e na etapa final do estágio curricular obrigatório, concretizando-se ao término do tão esperado Trabalho de Conclusão de Curso. Sendo que tantas outras surgiram, dando lugar a mais respostas e novas propostas.

Após tantas experiências, reuniões com a supervisora de campo, com a coordenadora das casas e as orientações, onde houve troca de informações e experiências com as colegas de sala e monitoras da Instituição, acreditamos poder deixar registradas aqui algumas sugestões. Tendo como propósito, sempre, a melhoria na qualidade e o crescimento pessoal e profissional de cada parte envolvida, incluindo-nos aqui.

Durante o período de estágio pudemos observar e comprovar a idéia que tínhamos da profissão, elencando mais elementos para fortalecer a idéia de que Serviço Social é uma profissão com base teórica, uma atividade, uma opção, uma linha pedagógica e até mesmo uma linha psicológica, por suas ações, por seu potencial e principalmente pela responsabilidade que muitas vezes assume perante seus usuários e ainda pelas capacidades desenvolvidas e até exigidas para seu fazer profissional.

E de tão abrangente que se mostra, este pensamento busca reforçar sua importância e validade, pois acreditamos ser fundamental que tudo isso seja descoberto e manifestado aos alunos já no início do curso e vivenciado pelos professores e profissionais de modo veemente e transparente. Uma vez que nossa profissão é tão importante e lida tanto com a vida humana quanto a medicina, advocacia ou engenharia, mas ainda diminuída e pouco reconhecida por muitos de nós, estudantes, profissionais e consequentemente por outros profissionais e até mesmo pela sociedade de um modo geral.

Bartlett (1976, p.36) aponta algumas idéias sobre características que constituem a profissão e seu profissional:

[...]um profissional sensível e especializado e um importante grupo de conceitos em relação à contribuição do Serviço Social para os clientes [...] como as qualidades e habilidades a serem incorporadas ao trabalhador individualmente – tais como respeito pelas pessoas, cordialidade, aceitação, esforço para entender seus problemas, autoconsciência e relacionamento profissional disciplinado – tornaram-se características ideais da profissão em geral.

Deste modo nossos olhares, planejamentos e ações estiveram, voltadas à qualidade de serviços, comunicação e integração, bem como à qualificação dos profissionais que prestam serviços às Casas-Lares/Coqueiros. Visando abranger a todos os envolvidos, de modo a formar um ciclo de benefícios e beneficiados onde todos saiam ganhando, em melhorias, crescimento, amadurecimento e responsabilidades.

As profissionais envolvidas com as Casas, são pessoas muito competentes que ainda têm muito a compartilhar, com estagiários, abrigados e com eles mesmo. A Teca, tem um conhecimento muito grande das necessidades fundamentais dos abrigados conseguindo manter boas relações de negociação com eles. A Márcia consegue relacionar muito bem a teoria com a

prática, desenvolvendo um ótimo trabalho de acompanhamento e orientação de atividades, todas as observações e sugestões de melhorias caíram muito bem ao nosso amadurecimento.

As crianças e adolescentes deram e têm muito a dar e ensinar ainda no que diz respeito a seus direitos, necessidades e sonhos. Demonstrando ter muito conhecimento do que pode ou não ser feito por e para eles, sendo que ainda não conseguem administrar bem a idéia de que nem tudo é possível e que muitos “nãos” precisam ser ouvidos e ditos e gritar não é sinônimo de conseguir algo, nem tampouco abaixar a cabeça.

Os monitores estiveram em sua maioria receptivos e demonstrando mais que interesse, cobrando ações e solicitando respostas às demandas que nos encaminhavam. As dificuldades ora apresentadas foram solucionadas conforme surgiam e uma relação de respeito pôde se estabelecer. Sendo que ainda precisa ocorrer amadurecimento em algumas instâncias de modo a promover maior receptividade ao novo e ao aprimoramento.

O processo de qualificação está sendo bem aceito pelas monitoras na medida em que se constitui como um momento diferente ao do dia a dia e das reuniões mensais. No entanto, ainda teremos um percurso denso durante o caminho no que diz respeito a aceitação de novas idéias e até mesmo participação efetiva nos momentos de estudo.

O envolvimento nas atividades propostas, a abertura para criticar e sugerir ações são pontos positivos e fundamentais que as assistentes sociais conseguem estabelecer com aqueles que tentam conquistar este tipo de relação. Isso é possível também pela recepção gratificante por parte de todos com as estagiárias. Em todas as vezes que estão nas casas, elas ouvem as

monitoras e as crianças e adolescentes quanto suas necessidades e preocupações, podendo responder algumas questões ou mesmo encontrar respostas com elas.

No entanto, é visível e manifestado constantemente o pesar que monitoras e abrigados sentem sabendo que são estabelecidos vínculos com pessoas que após o cumprimento do estágio, não mais poderão estar com eles. “Treinamos” um pouco de nosso aprendizado teórico, vivenciamos a prática, desenvolvemos a capacidade de ouvir e interagir com o problema sem interferir sobre ele, mas convivemos também com a dificuldade de que não poder dar sequência às ações e relações estabelecidas.

Cabe aqui citar Saint-Exupery, quando em sua obra *O Pequeno Príncipe* lembra que: "somos responsáveis pelo que cativamos", pois mesmo saindo de “cena” estabelecemos relações que poderão permanecer, uma vez que aprendizado e amizade farão sempre parte de nossa lembrança como algo vivo. Acreditamos que através deste pensamento podemos levar com maior comprometimento e seriedade o assunto até agora abordado, uma vez que o sentimento de responsabilidade pelo outro se fortalece com ele, mas perde-se em nossas ações cotidianas, não podendo se anular dentro de profissões como o Serviço Social.

Devemos nos entanto nos sentir cada vez mais responsáveis por aqueles que nos rodeiam, não somente dentro da profissão mas também pelas ações cotidianas. Sendo que nossa responsabilidade cresce quando esta outra pessoa é um sujeito em formação, alguém que de certo modo depende de algumas de nossas ações e que espera de nós um norte, uma direção para encaminhar seus planos e conta para isso com nossas melhores qualidades.

O projeto de capacitação aqui apresentado é, deste modo, uma alternativa para justificarmos esta responsabilidade como merecedora de atenção e preparo específicos. Ele serve como uma alternativa a manter sempre os profissionais preparados às adversidades apresentadas no dia-a-dia desta Instituição de abrigo, fazendo com que a integração entre as ações e as idéias de cada monitor e assistente social converjam ao bem-estar destes e de sua clientela.

Vemos ao final deste trabalho que este processo de qualificação dos monitores das Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz é uma semente já plantada, mas ainda em germinação. Contudo, merece atenção e preparo por parte de seus responsáveis à medida que encontrará, algumas vezes, solo fértil, pedregoso e não fértil, necessitando de cuidados especiais para que possa, um dia, apresentar seus primeiros brotos...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES, Sérgio Henrique. **Política social e combate à pobreza**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ALMEIDA, Sérgio. **Ah! Eu não acredito: como cativar o cliente através de um fantástico atendimento**. Salvador: Casa da Qualidade, 2001.

BARTLETT, Harriet Milton. **A base do Serviço Social**. São Paulo: Livraria Pioneira editora, 1976.

BENJAMIN, Alfred. **A entrevista de ajuda**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BUHR, Angela. **A necessidade de um novo agir profissional: um desafio ao Serviço Social do DER/SC**. Florianópolis: 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

Conselho Regional de Serviço Social do Distrito Federal. Apresenta a profissão de Assistente Social e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.cressdf.org.br>>. Acesso em: 18 dezembro 2002.

Estatuto da criança e do adolescente. Lei No 8.069/90.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção Educação e mudança Vol.1)

GERARDI, Denise Michelute. **Serviço Social e educação: uma interface necessária.** Florianópolis: Garapuvu, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Ana Maria, PERPÉTUO, Susan CHIODE. **Dinâmica de grupos da formação de lideranças,** 2ª ed.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social.** São Paulo: Cortez, 1995.

GUIRADO, Marlene. **Psicologia institucional.** São Paulo: EPU, 1987.

_____. **Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono.** São Paulo: Summus, 1996.

LAPA, Joice Regina da Costa Santana da. **A história de vida como instrumento de resgate e/ou projeção da identidade dos adolescentes das Casas-Lares/Coqueiros.** Florianópolis, 2000.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizações e instituições.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

MIRANDA, Simão de. **Oficina de dinâmica de grupos: para empresas, escolas e grupos comunitários,** volume II. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MONACO, Felipe de Faria. **Criatividade no contexto das equipes de trabalho: uma avaliação nas células de gestão autônoma e círculos de controle de qualidade na Ambev – Filial / S.C.** Florianópolis: 2001.

REIS, Antônio Carlos Konder. **Projeto Casa-Lar: uma alternativa de atendimento às crianças e aos adolescentes.**

RODRIGUES, Cláudia. Serviço Social: regulamentação faz 40 anos. **Inscrita**, ano 1, nº1, nov. 1997.

SAINT-EXUPERY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

SANTOS, Braulia Delma. **A construção da proposta de atuação do Serviço Social no Centro de Saúde II da Lagoa da Conceição**. Florianópolis:2002.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, João Martins da. **5S: o ambiente da qualidade**. Belo Horizonte: Fundação Christiano Ottoni, 1994.

VEDANA, Patrícia. **O grupo de adolescentes contribuindo no processo de mudança da realidade nas Casa-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz**. Florianópolis: 2002.

WAHRLICH, Beatriz. **A importância da formação de pessoal**. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio, Departamento Nacional, 1960.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2000.

ANEXOS



CASA-LAR NOSSA SENHORA DO CARMO
Rua Dr. Abel Capela, 585 - Coqueiros - 88.080-250 - Florianópolis - SC - Fone: 248-0764
CASA-LAR SÃO JOÃO DA CRUZ
Rua Vitor Silva, s/nº - Coqueiros - 88.080-280 - Florianópolis - SC - Fone: 248-8414

REGIMENTO DAS CASAS-LARES NOSSA SENHORA DO CARMO E SÃO JOÃO DA CRUZ/COQUEIROS

DA IDENTIDADE DA UNIDADE

As Casas-Lares Nossa Senhora do Carmo e São João da Cruz, localizam-se respectivamente, as ruas Dr. Abel Capela, número 585 e Vitor Silva, esquina Almirante Tamandaré, s/n, ambas no bairro de Coqueiros, Florianópolis, Santa Catarina.

A Casa-Lar Nossa Senhora do Carmo foi fundada em 16/04/94 e a São João da Cruz em 96.

As Casas-Lares reger-se-ão por este regimento, aplicando-se nos casos omissos a legislação conveniente (ECA – art. 90 a 102) para cada caso.

As Casas-Lares têm como entidade mantenedora as Obras Sociais da Comunidade Paroquial de Coqueiros.

DOS FINS E OBJETIVOS

As Casas-Lares têm como finalidade abrigar crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social e/ou pessoal, encaminhados por órgãos competentes (Juizado da Infância e da Juventude e Conselho Tutelar).

DOS SERVIÇOS TÉCNICOS

A direção das Obras Sociais é o gestor do funcionamento das Casas-Lares, no sentido de garantir o alcance dos objetivos definidos no seu estatuto.

A direção geral da instituição é exercida pela diretoria eleita em assembléia e com mandato de 2 anos.

A direção das Casas-Lares é exercida por um coordenador geral, escolhido pela diretoria da instituição, em caráter voluntário.

Os serviços técnicos serão prestados por pessoal contratado:

- a) coordenador técnico
- b) educadores

Os serviços gerais serão prestados por pessoal contratado:

- a) monitores nível I, II e III;
- b) responsável por serviços gerais

As atribuições de cada função, dentro das Casa-Lares, constam no anexo, parte integrante deste regimento.

DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DIREITOS E DEVERES

Dos direitos

Direito à acessar e apropriar-se dos conhecimentos e benefícios sociais produzidos pela sociedade, desenvolvendo-se integralmente como cidadão. Neste item subtede-se o acesso e permanência na escola e outras redes sociais, que contemplem a doutrina da proteção integral;

Direito de ser protegido em ambiente seguro e aos cuidados constantes de adultos;

Direito de manter-se informado sobre sua condição de abrigamento, sua situação familiar e das ações profissionais realizadas em prol de suas demandas e necessidades;

Direito a manter vínculos familiares, sempre que não haja impedimento legal, através de visitas ou telefonemas;

Direito à saúde, englobado nesta a higiene e a alimentação;

Direito de ouvir e ser ouvido, sendo desta forma, capaz de expressar suas opiniões e argumentos, bem como, críticas, sugestões etc.;

Direito à amizade (principalmente visita de amigos), porém respeitando alguns espaços de ocupação das Casas, como por exemplo, os quartos, vistos que estes são coletivos e não pertencem a uma única pessoa;

Direito a espaço físico que favoreça suas necessidades e características;

Direito à liberdade, ao respeito e a dignidade. O direito a liberdade compreende os seguintes aspectos (ECA – art. 16):

- *direito de ir e vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;*
- *direito à opinião e expressão;*
- *direito à crença e culto religioso;*
- *direito de brincar, praticar esportes e divertir-se;*
- *direito de participar da vida comunitária sem discriminação.*

O direito ao respeito (ECA – art. 17) consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Será realizada uma reunião semestral nos abrigos, onde participarão 2 monitores, 4 crianças e/ou adolescentes, o coordenador geral e o técnico, para discutir e refletir sobre assuntos de interesse dos envolvidos.

Dos deveres

Dever de respeitar as regras das Casas-Lares;

Dever de participar nas atividades desenvolvidas;

Dever de manter a higiene e conservação dos materiais e instalações tanto da Casa, quanto pessoais;

Dever de respeitar todas as pessoas, com quem convive nas Casas, sem distinção;

Dever de freqüentar a escola e cumprir os compromissos escolares.

DOS PAIS – DIREITOS E DEVERES

Dos direitos

Direito de conhecer e estar ciente deste regimento;

Direito de manter contato com seus filhos, por visitas ou telefonemas, desde que não haja impedimento legal;

Direito de manter-se informado sobre a situação de abrigo dos filhos.

Dos deveres

Dever de comparecer as Casas-Lares quando solicitados, respeitando a data definida;

Dever de trazer e apresentar os documentos solicitados.

II – COORDENADOR TÉCNICO

O cargo será exercido por assistente social.

Acompanhar e coordenar o trabalho social junto às crianças, adolescentes e suas famílias;

Elaborar relatórios técnicos;

Coordenar e supervisionar o trabalho dos estagiários de Serviço Social;

Colaborar no aprimoramento da equipe das Casas propondo a realização de encontros, palestras e treinamentos;

Participar das reuniões dos diversos setores da sociedade que realizam trabalho com crianças e adolescentes;

Representar as Casas sempre que solicitado em universidades, reuniões, palestras e conferências, de interesse da instituição;

Organizar e coordenar as reuniões mensais com a equipe das Casas;

Elaborar projetos para obtenção de recursos;

Propor alternativas para angariar recursos;

Acompanhar o trabalho dos voluntários.

Carga horária: 20 horas semanais.

III – MONITORES

Respeitar e assumir compromisso com a proposta, as metas e os objetivos das Casas-Lares;

Fazer respeitar os direitos e deveres das crianças e adolescentes;

Tratar todas as crianças e adolescentes sem distinção e ou preconceito;

Estabelecer com todos os membros das Casas um convívio prazeroso, num espírito de cooperação e solidariedade;

Receber e atender com atenção as crianças e adolescentes, seus pais, padrinhos ou demais pessoas que procurem as Casas-Lares;

Não comentar, em hipótese alguma a história de vida dos abrigados, a não ser com os técnicos, a fim de estudos e informação;

DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A proposta pedagógica das Casas-Lares deve estar fundamentada numa concepção de criança cidadã em processo de desenvolvimento.

DOS REGISTROS, ESCRITURAÇÃO E ARQUIVOS

A escrituração e arquivamento têm como finalidade assegurar em qualquer tempo a verificação de:

I – identidade de cada criança e adolescente;

II – documentação específica das Casas.

Os atos das Casas-Lares serão registrados em livros, fichas ou em instrumentos informatizados, resguardados as características imprescindíveis, cabendo sua autenticidade à disposição da assinatura dos coordenadores.

Constituem os arquivos das Casas-Lares:

I – Prontuários

Onde deverão constar os documentos das crianças e adolescentes; os relatórios sociais; as intervenções profissionais realizadas; a evolução dos tratamentos médicos, psicológicos etc.; as questões escolares etc.

Assim, constituem-se como documentos individuais dos abrigados, a carteira de identidade, CPF, carteira de trabalho, carteira de saúde, fotografias e certidão de nascimento.

Os prontuários constituem-se em registros individualizados de cada criança e adolescente, contendo informações sigilosas. A equipe de Serviço Social é que tem acesso exclusivo aos prontuários, sendo que é ela que realiza as intervenções necessárias frente às demandas das crianças, adolescentes e suas famílias.

II – Documentação relativa às Casas-Lares que compreende:

- Livro ponto;
- Registro de patrimônio (sede da entidade);
- Cadastro individual dos funcionários;
- Avisos e outros.

Este regimento será alterado sempre que as conveniências assim o exigirem.

A handwritten signature in dark ink, appearing to be a stylized name, possibly "Aluísio", written in a cursive script.

Florianópolis, março de 2002.

ANEXO

FUNÇÕES DOS PROFISSIONAIS DAS CASAS-LARES

I – COORDENADOR GERAL

Será indicado pela diretoria, em regime de trabalho voluntário, devendo ser selecionado entre pessoas capacitadas a desenvolver ações junto a crianças e adolescentes;

Coordenar e supervisionar o planejamento pedagógico e social das crianças e adolescentes;

Acompanhar e orientar as atividades administrativas e de monitoramento;

Colaborar no aprimoramento na equipe das Casas, propondo reuniões, encontros, palestras, cursos e treinamentos;

Selecionar pessoal para o trabalho nas unidades;

Garantir, se necessário, o remanejamento de pessoal entre as Casas;

Opinar junto a diretoria sobre o quadro de pessoal necessário ao bom funcionamento das Casas;

Prestar conta, junto à entidade mantenedora, das despesas das Casas;

Autorizar compras necessárias ao bom funcionamento das mesmas, desde que existam recursos disponíveis para tal;

Responsabilizar-se pelos contatos com colaboradores das Casas-Lares;

Receber e encaminhar voluntários;

Representar as Casas-Lares sempre que solicitado, pela diretoria, em reuniões, palestras e outros eventos de interesse da instituição;

Participar das reuniões dos diversos setores da sociedade que realizam trabalho com crianças e adolescentes.

Não prestar informação a terceiros a respeito dos abrigados, cabendo essa tarefa ao assistente social responsável;

Manter o ambiente das Casas organizado, em favor dos seus ocupantes;

Estar atento as normas das Casas (funcionamento da cozinha, serviços gerais, coordenação etc.), procurando trabalhar o mais articulado possível com todos os setores;

Não esquecer que os hábitos de higiene e alimentação das crianças e adolescentes são fundamentais no dia a dia e fazem parte do planejamento geral das Casas;

Discutir com os coordenadores os avanços, dúvidas e dificuldades com o trabalho diário;

Participar das reuniões de equipe e da parada pedagógica sempre que convocado.

MONITOR NÍVEL I

Será responsável pelo atendimento dos abrigados no período diurno, cabendo-lhe:

Refeições: cardápio e confecção, controle e organização dos alimentos na despensa;

Encaminhamento ao colégio, tarefas escolares e atendimentos especiais;

Zelar pela higiene das crianças e adolescentes, da Casa e do vestuário dos abrigados;

Ministrar medicamentos prescritos.

Carga horária: 44 horas semanais, de segunda a sexta-feira, mais horas extras que se fizerem necessárias para cobrir o horário das 07:00 às 19:00 horas.

MONITOR NÍVEL II

É responsável pelo atendimento noturno dos abrigados.

Responsável pela higiene noturna;

Ministrar medicamentos prescritos;

Controle da enurese noturna;

Encerramento das atividades noturnas;

Preparo do café da manhã;

Despertar as crianças e adolescentes e encaminhá-los para a escola.

Carga horária: regime de trabalho de 12 horas por 36 horas (jornada de trabalho ininterrupta).

MONITOR NÍVEL III

Atendimento nos finais-de-semana.

Refeições: confecção;

Zelar pela higiene pessoal e da Casa;

Ministrar medicamentos prescritos;

Receber as visitas;

Proporcionar e acompanhar os abrigados em saídas para recreação.

Carga horária: 20 horas semanais a serem cumpridas aos sábados e domingos.

IV - ENCARREGADO DE SERVIÇOS GERAIS

Controlar, adquirir e providenciar a manutenção dos bens móveis das Casas;

Fazer compras de alimentos, material para limpeza e conservação;

Controlar o fluxo desses materiais nas Casas;

Organizar a lista de doações e doadores;

Manter controle e organizar junto à coordenação o cardápio das Casas;

Providenciar as notas fiscais para a prestação de contas.


Carga horária: 20 horas semanais.

HORÁRIO DAS CASAS-LARES

As Casas-Lares funcionarão em horário ininterrupto (24 horas).

HORÁRIO DE VISITAS

As visitas aos abrigados ocorrerão as quartas e sábados no período vespertino, salvo casos especiais, observados pela coordenação dos abrigos.



Florianópolis, março de 2002.

I PARADA PEDAGÓGICA

A “I Parada Pedagógica” realizada com os profissionais das Casas-Lares/Coqueiros, contou com dois convidados e a metodologia usada pela coordenação do evento (Márcia, Teca e Daniela) foi a observação participante. Esta atividade ficou estruturada da seguinte forma:

13:00 – Dinâmicas (Mara)

14:30 – Reunião/Informes (Márcia e Teca).

- Importância dos grupos (estagiárias).

- Importância da Parada Pedagógica (Márcia, Teca e Daniela).

- Estágio (função e importância das estagiárias).

15:00 – Lanche.

15:30 – Mensagem (Daniela)

16:30 – Palestra (Dr. Jardel)

Durante as dinâmicas, houve participação e envolvimento de todos. Ou seja, no que diz respeito a aceitar as atividades propostas, conseguimos mobilizar a todos para que estes participassem das dinâmicas.

Foram abordados pontos chaves como participação e importância de cada um dos integrantes da equipe nas atividades e quando possível nas decisões das Casas. Além disso, a psicóloga colocou a importância de demonstrarmos nossos sentimentos às crianças e aos adolescentes, não precisando nos manter em posição de “Mulheres-maravilhas”, mostrando-nos fortes a todo momento, não nos deixando atingir pelo sofrimento e/ou alegria, mas sim permitindo sentir e transparecendo esta sensibilidade, uma vez que a criança/adolescente precisa ter acesso aos sentimentos, as pessoas que as rodeiam devem demonstrar emoções, colocando-as para fora. Foi utilizado aqui o recurso de um som de fundo onde nós andávamos com um som de fundo, nos tocando e percebendo um ao outro.

Em seguida Mara propôs a dinâmica onde mostraria a “foto” de uma pessoa muito importante ao grupo, neste momento ela passava uma caixa contendo em seu interior um espelho. Quando as pessoas recebiam a caixa e abriam, vendo seu rosto dentro dela, demonstravam felicidade, surpresa, contentamento. A psicóloga conseguiu em sua

explicação colocar muita verdade e nos fazendo realmente sentir importantes, percebi que algumas monitoras ficavam surpreendidas no sentido de se perceber lembradas.

Podemos dizer que esta dinâmica proporcionou um momento de contato de cada um consigo mesmo que contribuirá com a construção ou fortalecimento do sentimento de pertencimento, no que diz respeito a importância de cada integrante da equipe para o melhoramento e crescimento do grupo como um todo.

Nos informes foram levantados pontos fundamentais como:

- Coesão da equipe – onde precisamos estar tão bem integrados que nossas ações possam sempre convergir ao bem do grupo, de modo a não interferir no trabalho do outro mas apenas somar;
- As Casas como unidade de ação – nas quais estamos o tempo todo produzindo, intervindo e das quais recebemos respostas devido aos seus integrantes;
- A necessidade de realimentação de conhecimentos e energia – importância de “sentar” para conversar sobre nossas descobertas, incertezas, dificuldades, questionamentos, enfim de nos permitir estudar e aprender, aperfeiçoando nosso conhecimento prático e calibrando nosso tanque de disposição e afetividade. Ou seja, a importância de parar, tendo uma tarde, ou um dia gratificante, de crescimento e trocas. Como o momento de recarregar as “baterias”, como colocou a Assistente Social Teca, e somar a nós mesmos e ao outro através de discussões e estudos.
- Ver o trabalho como modo/meio de vida – não como algo desgastante mas também como uma opção. Pois mesmo não sendo somente uma escolha nosso exercício profissional é uma produção e portanto precisa ser compreendida e exercida com prazer;
- Sentido de pertencimento – reforçamos a necessidade de termos cada membro presente ali, na nossa equipe, colocando e reforçando a necessidade de participarmos sempre das mudanças e escolhas do grupo, estando também presentes nas reuniões e atividades extras das Casas;
- A importância das crianças e adolescentes terem acesso ao dinheiro e aprenderem a se manifestar – “Eu estou aqui”, não perdendo oportunidades, aprendendo a se portar na rua – foi muito trabalhada esta questão devido ao fato de haver certa unanimidade no assunto, uma vez que as monitoras e estagiárias compreenderam a ação

das Assistentes sociais, de acordo com o argumento de que um indivíduo em formação precisa estar bem integrado às atividades diárias e cotidianas de uma casa e também de uma vida social ativa;

- Foi explicada também a situação de guarda em que as crianças e adolescentes se encontram, sendo informado que perante o juizado a Guardiã de todos eles é a Teca.

O médico Jardel, foi convidado após solicitação por parte das monitoras de melhores informações sobre os principais e mais constantes atendimentos prestados a crianças e adolescentes no cotidiano e de modo emergencial. Foi solicitado também que fosse falado sobre o desenvolvimento infantil e sobre o uso abusivo de medicamentos, que se constitui em uma prática comum entre os monitores. Em sua palestra foram abordadas algumas necessidades especiais, como as abaixo citadas:

- Armazenamento de medicamentos – melhor mantê-los em armários trancados, longe do alcance e livre acesso de crianças, para que sejam evitados acidentes como a ingestão deles em momentos e de forma inadequada;

- Doenças mais comuns – que são as viroses e diarreias, necessitando de cuidados básicos e em casos de agravamento buscar orientação. Sendo que precisamos observar certas atitudes como por exemplo: aquela criança que esteve com febre e volta a brincar, representa um bom sinal. Mas quando a febre passa e a criança fica “caidinha”, precisamos estar mais atentos. Foi colocada ainda a necessidade de serem evitados os abusos quanto aos excessos na ingestão de medicamentos;

- Dores de cabeça – podem ser sinal: gripe, de alteração emocional. Em ocasiões que apresente vômito e necessidade de se isolar no escuro, temos sinal de enxaqueca. Colocando-se a existência também da enxaqueca com áurea, quando apresenta formigamento no lábio, embasamento e até cegueira temporária.

- Primeiros socorros em cortes e torções – em situações de corte é importante lavar o local com água e sabão, colocando uma bandagem em casos de sangramentos maiores e nas situações de torções é indicado imobilizar o local com uma faixa e mesmo um pedaço de papelão;

- Atenção nas situações de enurese noturna – é importante tratar sem “alardes”, ou seja, é preciso buscar alternativas (não beber água antes de deitar, ir ao banheiro antes de se recolher para dormir) de minimizar o problema sem causar constrangimentos, pois isto pode agravar a situação. Sendo que em sua maioria, também a enurese nos adolescentes, está geralmente ligada a questões psicológicas;

- Cuidado na administração de ASS em crianças até 12/13 anos de idade. Pois este medicamento só é indicado para adultos com problemas cardíacos e crianças com problemas de febre reumática. Devendo ser usado Tylenol, Paracetamol ou Dipirona: 1 gota por quilo não mais que 20 gotas (equivalente a um comprimido).

- Soro caseiro: 1 litro d’água, uma colher sopa açúcar e uma colher chá de sal.

Pôde ser observado um envolvimento das pessoas presentes, no sentido de participação das atividades propostas e através de questionamentos, muitas vezes seguidos de respostas. O que por outro lado demonstra certa resistência e certa insegurança no que diz respeito à entrega, ao envolvimento efetivo e livre de barreiras ou preconceitos, ou até mesmo à quebra de paradigmas.

Estas situações de discordância com o médico no que diz respeito ao tratamento e medicação em certas situações pode ser melhor percebida no seguinte exemplo que pode ser citado é a atitude a ser tomada em uma situação de ferimento (corte), enquanto o médico dizia que o melhor é lavar e estancar o sangramento com uma bandagem e posteriormente aplicar um medicamento, uma das monitoras dizia que em qualquer situação o melhor é encaminhar ao hospital. Também houve controvérsia no tratamento da febre e o trato com as dores de cabeça, medicamentos caseiros para febre e a aplicação de remédio sempre que houver queixa de dor de cabeça.

Acredito que o trabalho a ser realizado nos renderá bons frutos, mas durante o caminho teremos que demonstrar muito embasamento e profissionalismo quanto a essas resistências, que de certo modo dificultam o grupo, no sentido de acrescentar ao amadurecimento das pessoas de modo individual e consequentemente coletivo.

Fluorimétrico, (44) Junho de 2002

1.º Ruínas esculpidas, mentes e representantes da casa de

Representantes: Ana Maria, José da Costa,
Francisco, Maria, Rodrigues,
Juliana, do Rito, e Juliana
Felix.

* Muda não que vem

2.º Cimento de computadores

3.º Tufos

* Representação de vida e arte (adjetivos)

* Gado das pedras nos finais de semana.

* Qual é a língua da mentes?

* Representação de vida de semana e final de semana)

4.º 30 F.5.

* A mentes pode ser mais ou menos?

* Representação de vida de mentes.

4.º Quarta

11/10/02

Estando acentuado e de acordo assinamos:

Ass:

Ana maria

Viviana Pereira de Souza

Angela Natasha Lazaro Gonzalez

Cina Paula de Sá

Gilberto Elvira Maria de Souza cont.

Mariana dos Passos Rocha

Janaína Félix

PATRICIA

Gislaine Rodrigues

Francielle Pereira Rodrigues

Kelly Brüstina Souza

Juliana De Brito

AKIEL RIBEIRO COSTA

AKI

I REUNIÃO DE COORDENADORES, MONITORAS E MORADORAS DA CASA

A reunião foi iniciada pela coordenadora Teca, que colocou a importância de termos crianças e adolescentes participando deste momento, uma vez que eles, como moradores das Casas precisam de um espaço onde possam colocar suas necessidades e angústias, através do qual possam também questionar e sugerir procedimentos e decisões. Também foi colocado o consequente fortalecimento do papel dos jovens como membros ativos da cas.

Após abertura e algumas comunicações gerais como a realização das reuniões durante o período matutino, ficando marcadas para dia 5 de julho a próxima reunião com representantes e para o dia 19 de julho a reunião só de monitores e coordenadores.

Em seguida Teca fez uma explanação sobre o Regimento Interno, deixando estabelecida a necessidade da observação de seus itens e a importância de todos terem conhecimento de seu conteúdo de modo a procurar sanar as possíveis dúvidas.

Após a apresentação do Regimento foi aberto espaço para que os representantes colocassem suas dúvidas, uma das meninas retirou então uma folha de caderno com os questionamentos previamente organizados. Deste modo eles serão apresentados abaixo com as respectivas respostas:

- Mesada: será a partir do mês que vem – houve aceitação do grupo, sendo que as menores requisitaram também uma mesada.
- Conserto do computador: receberemos outro micro, sendo necessário verificar o conserto e estabelecer alguns critérios de uso.
- Atendimento do telefone: ficou determinado que o telefone poderá ser atendido pelos moradores.
- Horário de saída e volta (adolescentes): estabelecido que o horário de passeios nos fins de semana vai das 15:00 às 18:00.
- Saída das pequenas nos fins de semana: será acompanhado da monitora.
- Função da monitora da noite: foi discutido o papel da monitora do período noturno com a leitura e discussão do Regulamento. Sendo que a monitora, presente na reunião, se absteve da fala, não defendendo-se nem se posicionando quanto sua conduta e reclamações por parte das jovens.

- Horário de dormir: ficou estabelecido que em dias de semana o horário de ir para a cama será às 21:00 e às sextas e sábados será às 23:30.

- Foi questionado sobre a conduta da monitora se esta pode bater nas crianças – foi esclarecido que não. Sendo que também deve haver boa conduta por parte das crianças e adolescentes no sentido de respeito e compreensão, pois todos tem limites e ninguém aceita provocações gratuitas e/ou constantes.

- Quanto ao horário de entrada da monitora – foi esclarecido que esta poderá chegar até 15 minutos antes de seu horário.

Esta reunião representou para a equipe de profissional uma momento ímpar na realidade atual da casa, uma vez que as jovens se mostraram inteiramente responsáveis e conscientes quanto seu papel na casa. Em contrapartida, uma das monitoras coloca que é fundamental trabalhar também a questão de seus deveres, já que em determinadas ocasiões elas reivindicam diversão e liberdade esquecendo de suas atribuições.

Percebemos por parte das monitoras, com exceção de uma das monitora noturna, que não aceitou a crítica feita, pouco colocando-se quanto a falta de ação nos momentos em que se encontra na Instituição, certa aceitação quanto a este tipo de reunião participativa. De certo modo as monitoras apoiaram as observações das meninas, demonstrando através de respostas aos questionamento desejo de mudar o que for necessário e concordando com algumas colocações, como a saída aos fins de semana com acompanhamento da monitoras.

Houve também um momento onde a monitora do dia expôs sua dificuldade ao entrar na casa na segunda-feira ou no outro dia pela manhã, por muitas vezes encontrar as meninas agitadas por excesso de liberdade ou restrições nos fins de semana. Após esta colocação não houve questionamento ou discussão por parte das outras monitoras, a Teca relembrou a importância de estarmos atentos às necessidades das meninas e determinações da casa, para buscarmos um equilíbrio.